

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
ESTUDO DO DIÁLOGO ENTRE PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO
INFANTIL NAS CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PESTALOZZI.**

NICANOR MALAQUIAS LINS NETO

SÃO PAULO

JANEIRO 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
ESTUDO DO DIÁLOGO ENTRE PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO
INFANTIL NAS CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PESTALOZZI.**

NICANOR MALAQUIAS LINS NETO

SÃO PAULO

2007

NICANOR MALAQUIAS LINS NETO

**OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
ESTUDO DO DIÁLOGO ENTRE PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO
INFANTIL NAS CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PESTALOZZI.**

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial
para a obtenção do título de mestre em Ciências da
Religião.

Orientador: Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa

**São Paulo
2007**

Nicanor Malaquias Lins Neto

**OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
ESTUDO DO DIÁLOGO ENTRE PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO
INFANTIL NAS CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PESTALOZZI.**

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial
para a obtenção do título de mestre em Ciências da
Religião.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Edison Pereira Lopes
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a Elisabete Jansen Cintra Damião Alves

À minha esposa Edilene Luce F. Lins
A filha Laríssa Sâmara,
A filha Lívia Lins,
O filho Pedro Lins,
e Junior, A mamãe, in memoria Paipai.
Com amor e carinho dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, que sempre está à frente de todos meus projetos, providenciando meios e recursos para a consecução dos objetivos estabelecidos.

À minha família e à Igreja Presbiteriana "Bom Pastor" pela compreensão e apoio.

À Universidade Mackenzie pelos mestres colocados na minha caminhada e pela bolsa de estudos.

Aos amigos e irmãos em Cristo que me incentivaram e auxiliaram de diversas maneiras nesta pesquisa, dentre eles ressalto, meu cunhado Edvaldo, meu sogro Samuel, Pedro e Naiara, Valdeci e Andreza.

Aos Reverendos Paulo José da Fonseca, Hermistein Maia Pereira da Costa e Ricardo.

A todos minha imensa gratidão, peço a Deus que recompense cada um com sua graça e misericórdia.

Resumo

O educador suíço Jean-Henri Pestalozzi (1746-1827), devotou sua vida para amar os pobres e necessitados. Sua abnegação foi sem limite, abriu mão de seus interesses por amor ao próximo, teve infância pobre, ficou órfão de pai aos cinco anos. Foi educado por sua mãe e uma governanta. Passava parte de suas férias com seu avô que era pastor. Sua mãe sempre deixou bem claro que a autêntica paternidade é de Deus, então desde a tenra idade já compreendia sua dependência exclusiva da providência divina. Aos dezenove anos foi membro da sociedade maçônica Helvética. Em 1771 inicia o trabalho com meninos pobres, uma proposta que unia educação e trabalho, na fazenda em Neuhof, com uma série de problemas encerra esta atividade em 1780 e publica “Crepúculos de um eremita”. Em 1781 publica a primeira parte de “Leonardo e Gertrudes. Torna-se redator do jornal ”Folha Popular Helvética”. No ano de 1797 tem a publicação de “Minhas indagações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento da espécie humana”. Abre escola e seminário de professores no Castelo de Burgdorf; fecha este instituto e reabre em Yverdon, neste momento luta para incluir ensino para meninas. Sua resiliência é contínua, apesar de todas as adversidades continua sua luta para dar qualidade ao ensino, procurando formar profissionais qualificados, trabalha com a realidade buscando um ideal a partir do coração, sempre buscando em Deus forças para continuar sua tarefa. Suas idéias de aprendizagem com base no aluno foram repercutidas pela Europa e América, chegando ao Brasil por intermédio de Rui Barbosa.

Palavras-chave: Pestalozzi; Educação; Resiliência; Experiência; Ciência.

Abstract

The swiss educator Jean-Henri Pestalozzi (1746-1827) devoted his life to love the poor and needy. His self-denial had no limits: gave up their interests to practice love to people. This man had a poor childhood, became orphan of father at five years old and was educated by his mother and a governess. He passed part of their vacations with his grandfather, which was a shepherd. With his mother learned that the authentic paternity comes from God. So, since tender age he already understood the exclusive dependence of divine providence. At nineteen years old became a member of the Helvetic masonic society. In 1771 began a work with poor boys, in a Neuhof farm, with the proposal was unite education and work. With a series of problems he finishes this activity in 1780 and publishes "Twilight of an hermit". In 1781 publishes the first part of "Leonardo and Gertrudes". He became editor of the newspaper "*Helvetischen Volks-blatt*", at 1798. In 1797 publishes "My inquiries about march of the nature in the development of the human species". After that, opened a teachers' school and seminar in the Castle of Burgdorf, that he closes and reopens in Yverdon, but this time to include teaching for girls. His resilience is continuous, but in spite of all adversities he continued his fight to give quality to the teaching, trying to form qualified professionals. He works with hard realities, always looking for an ideal inspired on the heart emotions, looking in God forces to continue his task. Their learning ideas, which base is focused on the student, had echoe in Europe and America, arriving in Brazil through Rui Barbosa.

Word-key:

Pestalozzi; Education; Resilience; Experience; Science.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CONTEXTO SÓCIO – CULTURAL DE PESTALOZZI	20
1.1. O CLIMA DE REVOLUÇÃO E PESTALOZZI	25
1.2 PANORAMA EDUCACIONAL E PESTALOZZI	29
1.3A QUESTÃO RELIGIOSA NOS DIAS PESTALOZZI	38
2. VIDA E OBRAS LITERÁRIAS DE PESTALOZZI	46
2.1. PASSAGEM PELA ESCOLA TROUXE MARCAS IMPORTANTES	51
2.2. A PRESENÇA MARCANTE DO AVÔ NA VIDA DE PESTALOZZI	52
2.3.A EXPERIÊNCIA DE PESTALOZZI NO COLÉGIO	53
2.4. A EXPERIÊNCIA DE PESTALOZZI: APLICANDO SUA FORMAÇÃO	55
3. OS PRESSUPOSTOS PEDAGOGICOS DE PESTALOZZI NAS CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL	68
3.1. INTRODUÇÃO	68
3.2. ENTENDIMENTO SOBRE O MÉTODO DE PESTALOZZI	72
3.3. PESTALOZZI E A FAMÍLIA	72
3.4. PESTALOZZI E A NATUREZA	76
3.5. PESTALOZZI E O EMPIRISMO	79
3.6. PESTALOZZI E O HOMEM	80
3.7. PESTALOZZI E O ILUMINISMO	83
3.8. PESTALOZZI E O ROMANTISMO	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
CRONOLOGIA	104

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa visa investigar uma experiência de diálogo entre protestantismo e educação infantil no período compreendido entre os anos de 1818 e 1819. Nasceu do interesse por Pestalozzi e seu trabalho acerca da teoria e da prática com as quais orientava a educação infantil, expressa ao amigo Inglês, James Pierpoint Greaves, nas *Cartas sobre educação infantil* - é importante dizer que Greaves visitou o instituto de Pestalozzi em Yverdon na parte francesa da Suíça no período entre 1817 e 1822*.

Esta investigação tem como objeto de estudo o livro “Cartas sobre educación infantil” de Pestalozzi publicado em Madrid no ano de 1996, em sua segunda edição.

O interesse para pesquisar Pestalozzi surgiu de um diálogo mantido com o Dr. Costa†. O primeiro projeto de pesquisa apresentado versava sobre *A ética protestante: um estudo de caso sobre a ética organizacional do banco Real*. O projeto não foi adiante, primeiro pela falta de interesse dos representantes legais no Brasil do grupo Real e segundo, pela falta de material disponível e o tempo curto para colecionar e selecionar informações. Porém, as inquietações que estimularam esta iniciativa de estudo têm raízes na vida e na obra de Pestalozzi, mas, sobretudo pela leitura de suas cartas, em especial a enviada à Stans, na qual Pestalozzi se qualifica como protestante e descreve sua confiança em Deus e na providência divina.

* PESTALOZZI, J. Heinrich. *Cartas sobre educación infantil*. Estudio preliminar y traducción 2ª ed. Madrid: Espanha, CABANAS, José M. Quintana. Ed. Tecnos. 1996, p. XVI.

† Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa, bacharel em Teologia, licenciado em Filosofia pela PUC e em Educação pela Universidade Mackenzie (2003). Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2003).

Ainda assim, o fator decisivo para esse objeto de estudo dissertativo reside no tema “Salvar a humanidade pela educação”. Aprofundando um pouco mais a leitura conhece-se a dedicação do educador às crianças desamparadas, aos pobres e miseráveis excluídos de sua cidade, oriundo do engajamento de Pestalozzi nos campos político, econômico e social do seu país.

Essa iniciativa de Pestalozzi me impressionou bastante e de certa forma tem um ponto comum com a conjuntura social do nosso país. O período objeto desta pesquisa situa-se no século XVIII, onde encontramos como principais temas para a formação do pensamento brasileiro o analfabetismo, a escravidão, o absolutismo da monarquia e a economia centrada na terra, bem como os problemas para implantação de instrução pública, a falta de liberdade religiosa e a implantação da República.

Destaca-se no Brasil o empenho de Rui Barbosa, um gigante do pensamento brasileiro que, sensível aos problemas nacionais, propõe a inserção de Pestalozzi no Brasil por meio de um projeto de ampla reforma da instrução pública do país.

Em nosso país havia uma disparidade muito grande no que se refere à educação do povo nas províncias, descrevendo esse período Filho esclarece: “A abrangência e a importância de tais sistemas, no que se refere ao período aqui enfocado, vêm sendo estudadas nos últimos anos, demonstrando uma enorme diferenciação nos processos de escolarização de cada uma das províncias do Império” (2003, 139). O depoimento acima refere-se exatamente às preocupações dos políticos de linha republicana, uma vez que o governo monárquico protegia e apoiava o sistema de ensino promovido pela Igreja Romana. Com a vinda da corte de Portugal para o Brasil e a conseqüente abertura dos portos brasileiros, que facilitaria a comercialização com outros países, tais como Inglaterra, Holanda e

Estados Unidos, paulatinamente aumenta-se a necessidade de liberdade religiosa e uma reforma do sistema educacional.

A conquista da liberdade religiosa pelo Parlamento nacional e a reforma da educação no Brasil propiciaram uma discussão sobre temas diversos, mas o tema da educação monopolizou os debates. Na província bahiana, por exemplo, foi aprovada a lei para educação básica, conforme nos relata Kuhlmann Jr.: “Na Bahia, em 1875, a Assembléia provincial discutiu um projeto para a criação de Jardim-de-infância; em 1879, a reforma Leôncio de Carvalho (Decreto 7.247), que entre outros assuntos modificava o ensino primário no município da corte, previa jardins-de-infância nos distritos dos municípios” (2003,475). O interesse político somado ao interesse popular promoveu a inserção de Pestalozzi em nosso país de maneira silenciosa e consistente. Isso se mostrará à medida em que forem colocados os desdobramentos de sua presença na história da educação global.

Agora, em inícios do século XXI, passados 121 anos da chegada das idéias de Pestalozzi no Brasil suas postulações teóricas e experimentais ainda exercem grande influência pedagógica, o que o tornam um ícone da pedagogia do seu tempo. Esta pesquisa se propõe a identificar e investigar nas *Cartas* do educador o diálogo entre o protestantismo e a educação infantil. Destaca-se a importância de Pestalozzi no cenário mundial da educação uma vez que, nele verifica-se a fusão entre o educador e o pedagogo de maneira harmônica, duas dimensões da ciência da educação que nem sempre aparecem juntas nas práticas educacionais em geral. Observa-se no autor tanto a habilidade de um professor eficiente, que dedica-se ao seu trabalho de maneira exemplar e integral, com humildade e paciência no trabalho da vida escolar, como um teórico espirituoso, cujo trabalho apresentou novos princípios que apontariam para uma renovação da educação infantil.

No campo teórico educacional Pestalozzi foi influenciado por Rousseau, tanto quanto na sua reflexão sobre a natureza humana. No entanto, Pestalozzi também orientou seu trabalho através de suas experiências. Assim descreve Cabanas no seu estudo preliminar:

Primeiro faz e observa, logo após pondera e crítica, por último escreve. Repetidas vezes no presente livro afirma que suas idéias se apóiam nesta base empírica todas as suas conclusões, com a consciência de que, por tal motivo, são irrefutáveis; e tanto o tempo como o atual espírito científico, que impera também nos domínios pedagógicos, têm demonstrado e observado o certo. (1996, X)

Cambi cita Bowen referindo-se a Pestalozzi na época de sua morte, afirmando:

À época da sua morte, Pestalozzi era a mais importante personalidade européia no âmbito educativo”; encarnava as idéias de Rousseau e a sua fama superava a de Fichte; tinha efetuado uma “revolução prática” paralela à de Rousseau, mas, sobretudo tinha revivido, *como educador*, os problemas da pedagogia tal como se punham nos albores da sociedade contemporânea (industrial e de massa) e os tinha enfrentado à luz de uma teoria pedagógica talvez não muito rigorosa nem orgânica, mas alimentada pelos grandes princípios da cultura romântica e iluminada por uma nítida e forte concepção da educação como formação humana, ao mesmo tempo espiritual e sóciopolítico. (1999, 419-420)

Pestalozzi era um educador possuía ideal revolucionário e democrático. Chegou a organizar na década de 1760, em Zurich, um movimento reformista visando resgatar a moral do povo e o aperfeiçoamento político por meio da democracia. Cabana comenta este episódio, pronunciando:

Ele mesmo estava animado de espírito revolucionário, entrando em contacto com as lojas maçônicas e fundando a sociedade Helvética, que se proponha a uma reforma democrática de seu país e uma renovação moral e cívica do povo através da educação; chegou a ser encarcerado, todavia que a convenção francesa lhe outorgava o título de ‘cidadão da França’. (1996, X)

Ainda sobre o pensamento republicano de Pestalozzi, Palmer, professora inglesa da universidade de Durham, descreve:

O pensamento educacional de Pestalozzi tem origem na ideologia republicana discutida intensamente na segunda metade do século XVIII na Suíça. Influenciado pelo historiador e crítico literário Johann

Jacob Bodmer, a discussão republicana na cidade natal de Pestalozzi, tornou-se radical e criou um movimento reformista em que se integrou politicamente durante a década de 1760. (2005,64)

O protestantismo, em sua expressão educacional no século XVIII, e a sociedade europeia, em processo de ebulição política devido à influência da revolução francesa e as guerras conseqüentes deste período, acabaram por integrar-se cultural e ideologicamente como é possível observar através da origem religiosa dos grandes pensadores do período, tais como Newton, Rousseau e Pestalozzi.

Em 1799, o povo suíço repele bravamente uma invasão do exército austro-russo. A guerra entre França e Inglaterra era também um dos cenários e o pano de fundo das inquietações que instigaram Pestalozzi a desenvolver seu trabalho social, político, educacional e religioso, e é o momento selecionado nesta pesquisa para a discussão aqui proposta.

O clima do momento é descrito por Godechot, ao relatar os fatos selecionados conforme seu referencial:

As vitórias de Zurique e Holanda, no outono de 1799, tinham detido a ofensiva dos coligados e provocado a retirada das tropas russas. A fim de concluir uma paz que salvaguardasse as 'conquistas' da Revolução, faltava, pois, vencer a Áustria, a Inglaterra e Nápoles. (1984,103).

Destaca-se que o poder de fogo da França e seus aliados é fortíssimo, os soldados de Bonaparte eram muito bem treinados, daí terem conquistado quase toda a Europa. Os aristocratas e os conservadores aproveitam o período de confusão para tomar o governo e retroceder ao antigo regime, isto é, um parlamento paternalista. Descrevendo sobre este momento histórico de Zurique e a Suíça, Godechot, esclarece:

A guerra da segunda coalizão estremeceu profundamente a Suíça, onde mais da metade do território foi ocupado pelo austro-russos, durante o verão de 1799. Os aristocratas e conservadores

desejavam a vitória dos invasores e o restabelecimento do Antigo Regime; os “Jacobinos” sustentavam, pelo contrário, os franceses. Em novembro de 1799, Laharpe, “jacobino” moderado, estava a ponto de desfechar um novo golpe de Estado, quando se soube a notícia de 18 Brumário. Foi adiado, mas, em janeiro de 1800, os conselhos legislativos, avisados do que se tramava, declararam dissolvido o Diretório e formaram uma comissão executiva presidida por Dolder. (1984,103)

Na Assembléia propaga-se a notícia de que existia um acordo de golpe entre os contrários ao novo regime, porém o presidente do diretório, Dolder, promulgou a dissolução do diretório formando uma comissão para manter contato com a França e tornar-se aliado de Napoleão:

Foi o início de um longo período de instabilidade no decorrer do qual, alternadamente, os “unitários” (jacobinos) e os “federalistas” (conservadores) apelaram para Bonaparte. Este estabeleceu um projeto de constituição federalista conhecido pelo título de Ato Malmaison, de 29 de abril de 1801. Este projeto comprometido com as duas tendências, não satisfez ninguém; redobram os tumultos. (1984, 118)

Utilizando-se de seu poder, o exército francês intervém e instala o governo provisório Reding, aristocrata, com uma nova constituição semelhante ao Antigo Regímen. Mas novamente, Bonaparte é chamado:

Os unitários, furiosos, apelaram novamente para Bonaparte. Este anulou a constituição de Reding e fez convocar uma assembléia de notáveis, que aprovou o ato da Malmaison. A paz parecia restabelecida e as tropas francesas deixaram a Suíça (primavera de 1802). Mas mal tinham partido, Reding sublevou os cantões “primitivos” (Schwyz, Uri, Unterwalden) e apoderou-se de Zurique, Berna e Friburgo. O chefe do governo legal (chefe de cantão Dolder), refugiado em Lausanne, recorreu também a Bonaparte, que impôs sua mediação e enviou à Suíça um novo exército, encarregado de impor o respeito por ela. Este exército dispersou os rebeldes e prendeu Reding. Bonaparte reuniu em Paris uma “consulta Helvética”, que modificou o Ato de Malmaison de 29 de abril de 1801 e o transformou em Ato da Mediação de 19 de fevereiro de 1803. (1984,118)

Com o Ato da Mediação, Bonaparte arvora-se do direito de intervir na Suíça por mais de cinquenta anos e neste período formou uma república controlada pela França:

Daí por diante, a Confederação Helvética passava a ser integrada por 19 cantões autônomos e iguais; a dieta era convertida numa simples conferência de delegados dos cantões; o poder executivo era confiado ao chefe de um dos seis cantões “diretores”. Bonaparte designou para esta função Louis d’Affry, do cantão de Friburgo, amigo oficial a serviço da França. Um tratado, concluído a 27 de setembro de 1803, instituído por cinquenta anos uma aliança defensiva entre a Suíça e a França, que podia recrutar neste país quatro regimentos de infantaria. O Valais não fazia parte da Confederação Helvética, mas, a partir de 30 de agosto de 1802, formava uma república independente, rigidamente controlada pela França. (1984,118)

Na França, a reforma no ensino secundário e no ensino superior tornaram-se instituições públicas, mas o ensino primário saíram prejudicados frente ao desinteresse do imperador. Como demonstra Godechot:

O ensino transformou-se num grande serviço público, mas foram sobretudo às escolas secundárias e superiores que lucraram com as reformas. Napoleão interessou-se pouco pelas escolas primárias. Por falta de verba, continuaram insuficientes em número e abandonadas às iniciativas municipais ou particulares. Portanto, no campo, a instrução pouco progrediu. (1984, 91)

Ponderando sobre o ensino na França, Cambi apresenta o sistema de ensino útil à sociedade e ao Estado, quando afirma:

Denis Diderot (1713-1784) e por Jean Lê Rond D’Alembert (1717-1783) na *Enciclopédia*, onde se defende que a educação ‘seja útil a esta sociedade’ e ao Estado, que seja ministrada em escolas renovadas no currículo de estudos (menos latim, mais ciência e história) e que devem tomar como modelo a escola militar, organizada segundo critérios higiênicos e na direção de aprendizagens úteis. D’Alembert exalta a ciência também como modelo de formação intelectual no *discurso preliminar à enciclopédia*, enquanto Diderot delineia um plano de estudos orgânico e renovado para Catarina da Rússia, *no seu plano de uma universidade para o governo da Rússia*, de 1775-1776. Também Voltaire (1694-1778) participa deste rejuvenescimento da educação, polemizando contra os jesuítas e a cultura religiosa como modelo formativo, contrapondo a ela um saber útil e uma formação civil, como afirma no seu *dicionário filosófico*. (1999, 337)

A revolução industrial na Inglaterra ocorreu também em função da guerra, pela necessidade de equipar e abastecer as tropas no campo de batalha e

aumentar a defesa do território bem como a proteção pelo mar. Godechot, ao ponderar sobre o desenvolvimento da Inglaterra, afirma:

Do ponto de vista econômico, a revolução industrial, que começara na Inglaterra por volta de 1760, fora estimulada pelas fabricações de guerra, e fizera mais progressos que na Europa continental, onde se iniciara com quase vinte anos de atraso. A indústria começava a se localizar numa dezena de regiões nitidamente determinadas. Antes de tudo, em Londres e em seus arrabaldes, imensa aglomeração, então a mais populosa do mundo, contando com cerca de 860.000 habitantes.

A produção industrial britânica apresentava os números mais elevados da época em comparação com demais países europeus, demonstrando seu poderio econômico e político no cenário internacional:

(...) A metalurgia pesada fora perturbada pelo emprego do alto-forno e pela utilização do carvão em pedra em lugar do carvão de madeira. Em 1806, contavam-se na Grã-Bretanha 222 alto-fornos, possuídos por 122 empresas, produzindo, em média, 250.000 toneladas por ano, ou seja, 75% mais que a França na mesma época. O desenvolvimento das construções navais era consequência, não da revolução industrial, mas da guerra. Fundavam-se essencialmente na utilização da madeira. Os navios de guerra ou de comércio, exclusivamente de madeira, precisavam de uma enorme quantidade de pranchas. Entre 1803 e 1805, os estaleiros navais britânicos tinham construído 100.000 toneladas cúbicas de navios, o que exigiria em cada ano o que exigiria em cada ano 224.000 m³ de madeira. Eles eram comprados sobretudo nos países das margens do Báltico. Compreende-se sua importância para a economia e a defesa nacional britânicas. (1984, 130-131)

Pestalozzi viveu em um período de revoluções sociais, políticas, econômicas, educacionais e religiosas, entre guerras e conflitos internacionais, que foram determinantes para a construção de seu pensamento. Seu trabalho é uma contribuição à formação de um ideário acerca de um homem humanista, espiritual, racional e autônomo que visualiza um homem formado pela educação, mas que reconhece a dependência de Deus em sua vida diária.

Formado no seio de uma Europa continental e protestante, uma questão sobre Pestalozzi se faz presente: quais eram as possibilidades de influência das

teorias e práticas de Pestalozzi numa Inglaterra de origem anglicana e conservadora?

A referência teórica que serve como base para este estudo tem como ponto de partida a relação entre protestantismo histórico, cujas igrejas estão diretamente ligadas à Reforma Protestante do século XVI, e a cultura européia.

No entanto, neste primeiro momento é importante que se diga que o protestantismo europeu possui suas peculiaridades, uma vez que em grande parte é fruto do sangue dos pré-reformadores anteriores ao século XVI (Cataros e Valdenses), camponeses mortos por traduzirem para a língua vernácula partes da Bíblia e distribuir para a população, o que por sua vez deu ao protestantismo europeu os traços característicos de uma nova pedagogia.

A proposta inicial de Pestalozzi, ao se dirigir para a Grã-Bretanha, visava apresentar o seu sistema de ensino e publicar sua obra “Cartas sobre a primeira educação”[‡], publicada em 1827, pouco tempo depois de sua morte.

A categoria *inserção*, do ponto de vista religioso, é definida como o processo no qual o desenvolvimento histórico de uma sociedade se confunde com a própria história do desenvolvimento de sua religião. Na Inglaterra do século XVIII, um movimento liderado por John Wesley (1703-1791), denominado *pietismo*, no interior da igreja anglicana, ficou conhecido como metodismo. A ênfase deste movimento estava na pregação de uma “fé viva” e o papel da *prática* na vida cristã. Para este, a experiência passa a ter um papel preponderante com relação aos fenômenos mais subjetivos da natureza humana (Mcgrath, 1997, p.119).

[‡] PESTALOZZI, J. Heinrich. Cartas sobre educación infantil. Estudio preliminar y traducción CABANAS, José M. Quintana. Ed. Tecnos. 2ª ed. 1996, XVIII-XIX.

A inserção de Pestalozzi é descrita pela autora Palmer: “Testemunha da influência de Pestalozzi foi à criação de institutos baseado em seu método em vários países, incluindo Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, e o aparecimento, quatro anos após a publicação de Gertrud, de quase duzentos títulos que discutiam seu método” (2005, 88).

A inserção de Pestalozzi no Brasil teve a contribuição de pessoas envolvidas com educação infantil, porém de forma indireta, segundo Incontri: “Qualquer influência de Pestalozzi no Brasil, que possamos rastrear nos séculos XIX e XX, ocorreu sempre de maneira indireta. Nenhum de seus textos foi traduzido integralmente para o português, nenhum de seus discípulos diretos veio ao Brasil, nenhuma escola ou instituição se inspirou em suas idéias com profundo conhecimento de causa” (1997,126).

Salientamos que houve uma contribuição ainda que indireta da parte do colégio Mackenzie na inserção de Pestalozzi em nossa sociedade, por intermédio Froebel com seus métodos inspirados nas idéias de Pestalozzi. Nota-se também a contribuição do movimento espírita no Brasil para a divulgação de Pestalozzi.

O objetivo da pesquisa é contribuir para uma reflexão acerca da educação infantil como elemento propagador de valores éticos e religiosos, em particular quando encontra diálogo entre esses valores e a cultura e sociedade na qual está inserida.

Partindo do pressuposto de que o protestantismo, ao longo de sua história somente se estabeleceu como religião majoritária em nações do novo mundo em que ajudou a construir, faz-se a pergunta: qual seria o papel do protestantismo, do ponto de vista de influência na cultura educacional, em uma nação como a brasileira, que desde as origens de seu processo “civilizatório” é eminentemente católica romana?

O objetivo final é refletir acerca dos desdobramentos da experiência gerada pelo livro Cartas sobre a Educação Infantil. Observando-se as peculiaridades desse método educacional apresentado por Pestalozzi e as características do estilo experimental, do conteúdo teórico das idéias e, principalmente, dos cursos de formação de professores no Brasil.

CAPÍTULO 1

CONTEXTO SÓCIO – CULTURAL DE PESTALOZZI.

A ocasião objeto dessa dissertação sobre o pensamento de Pestalozzi é localizada no ano de 1700 até 1830 na Europa, marcada por um movimento cultural

chamado de *romantismo*^{*}, entende-se por um lado a contradição do existir, ou seja, ora fala-se extremamente do amor, felicidade, paixão em relação a mulher amada. O movimento de idealizar uma existência totalmente feliz, sem levar em conta as dificuldades de sobreviver entre as pessoas. Em outro aspecto, olhar o drama de viver sem o objeto de desejo, então a ênfase é o desejo de morte. A depressão provocada pelo sentimento de perda, angústia, solidão, esse estágio de não suportar existir sem o outro leva a pessoa pensar em tirar a sua própria vida.

É importante relacionar Pestalozzi ao movimento romântico, principalmente com referência a natureza, a literatura e a intuição uma vez que seus escritos têm a forma de romances. Mas, as idéias dos românticos alemães deste período influenciaram seu pensamento no idealismo, resumidamente podemos dizer que idealismo é: Um movimento que emana do séc. 18º, “Em Kant toma o nome de criticismo (segunda metade do século XVIII) que pode ser considerado uma síntese de racionalismo e de empirismo”. (Padovani, 1984, p. 358). Em Kant compreende-se o extrato da maturidade sistêmica, a razão e bem assim a necessidade de interagir

* **Romantismo** - Era um movimento artístico e intelectual que originou no breve século 18º na Europa Ocidental. Em parte uma revolta contra normas aristocráticas, sociais, e políticas do período do Esclarecimento e uma reação contra a racionalização da natureza, em arte e literatura deu ênfase a emoção forte como uma fonte de experiência estética, enquanto coloca a ênfase nova em tais emoções como trepidação, horror, e o temor experimentaram confrontando o sublime da natureza. Elevou arte do povo, natureza e costume, como também discutindo para uma epistemologia baseada no uso e costume. Foi influenciado pelas idéias do Esclarecimento, medievalismo elevado, elementos de arte e narrativa perceberam que emanava do período medieval. O nome "romântico" vem do termo "romance" que é uma narrativa heróica prosaica ou poética que se origina da literatura medieval. Existe uma plêiade de pensadores, que afirmam que o pano de fundo básico todo de conjunto pensado sobre as ideologias e eventos da Revolução francesa deve ter sido influenciado pelo o movimento. Romantismo elevou as realizações do que percebeu como indivíduos heróicos mal-entendidos e artistas que alteraram a sociedade. Também legitimou a imaginação individual como uma autoridade crítica que permitiu liberdade de noções clássicas de forma em arte. Havia um recurso forte a inevitabilidade histórica e natural na representação de suas idéias.

Características Em um senso geral, Romantismo recorre a vários grupos distintos de artistas, poetas, escritores, e músicos como também os pensadores políticos, filosóficos e sociais e tendências dos sucinto 18º e curto 19º séculos na Europa. Este movimento é caracterizado tipicamente por sua reação contra a Idade do Esclarecimento; considerando que o Iluminismo enfatizou a primazia de razão, Romantismo enfatizou imaginação e sentindo. Em lugar de uma epistemologia de dedução, o Romantismo demonstrou elementos de conhecimento por intuição.

Wikipedia, the free encyclopedia © 2001–2006 [Wikipedia contributors](#) ([Disclaimer](#)).

com experiência, mas entender o desdobramento dinâmico do conjunto de reações que promovem a dialética no sistema de pensamento.

Então: “Kant representa-lhe a sinopse crítica e especulativa, fundindo os dois fenomenismos em um fenomenismo superior, daí surgindo o *idealismo*, que em Kant toma o nome de *criticismo*. Neste afirma-se, explícita e sistematicamente, a concepção imanentista e humanista do mundo e da vida”. (Padovani, 1984, p. 356). Entende-se pelos documentos os traços marcantes, tais como: a valorização da religião, a liberdade e o progresso. “Era uma forma de pietismo cristão que deu ênfase a fraternidade do homem e a paternidade de Deus. Embora Pestalozzi não fosse conhecido como um pedagogo religioso, os escritos dele contêm referências valores religiosos e educação religiosa”. (Gutek, 1975, p. 236-237).

O romantismo enfatiza a utopia, ou um mundo ideal, a idéia de bem-estar e felicidade para a sociedade, impulsiona uma onda de revoluções em toda a Europa. Gutek, ao mencionar o pensamento romântico percebido por Pestalozzi em sua crítica a falta de uma educação que promova a solução dos problemas sociais e para vida pratica cita sua idéia afirmando:

Nosso único desejo era viver para liberdade, beneficência, sacrifício e patriotismo; mas os meios de desenvolver o poder prático e atingir estes objetivos estavam faltando. Nós menosprezamos todos os aparecimentos externos como riquezas, humor, e consideração; e eu fui ensinado acreditar que economizando e reduzindo nossos desejos pudéssemos dispensar com todas as vantagens da vida de cidadão. (Gutek, 1975, p. 238).

Com o fim de elucidar o modo de pensar do romantismo, Bobbio exprime sua observação:

A grande força crítica do romantismo, reconhecida também pelos seus adversários (que talvez vejam nela somente uma

expressão de uma “ironia” ou de um “subjetivismo” que, desde que se faça valer contra o “real”, aceita também ser utopismo) está em ter captado e enunciado exigências se mencionou ou, se se quiser ter explorado as desilusões, intelectuais e sentimentais, da mentalidade pós-iluminista. (Bobbio, 2000, p. 1139).

A fragilidade de sobrevivência da sociedade, nesse período é extremamente percebida na parte mais pobre da sociedade europeia. A dificuldade que as pessoas têm de entender o processo de reformas estruturais pelo qual passa a sociedade, é causada pela desinformação da população, o analfabetismo abrange a grande maioria da população europeia e do mundo. A população europeia é constituída de pessoas do campo, as pessoas que moram nas cidades ou nas aldeias não tinham o hábito de fazer deslocamentos longos, pois as pessoas entendiam que as distancias eram muito amplos; em outros termos acreditavam que poderiam encontrar nos caminhos muitos perigos. Também toda viagem era feita a pé ou no lombo de cavalos, daí a realidade do desconforto e do risco. Nesta ocasião os rendimentos eram retirados do cultivo da terra e dos departamentos governamentais (aqueles que prestavam serviço para a realeza). Hobsbawm, ao exprimir as dificuldades do mundo neste período, escreve:

Os encarregados dos negócios governamentais e do comercio não se achavam absolutamente isolados: estima-se em 20 milhões o número de cartas que passavam pelo correio britânico no inicio das guerras com Bonaparte (no fim do período que nos interessa houve dez vezes mais movimento); mas para a grande maioria dos habitantes do mundo as cartas eram inúteis, já que não sabiam ler, e o ato de viajar – exceto talvez o de ir e vir dos mercados – era absolutamente fora do comum. (hobsbawm, 2004, p.26).

Observa-se que havia uma tentativa de comunicação entre as pessoas, porém, as cartas não eram lidas, somando-se a essa dificuldade verifica-se a falta do hábito de viajar por parte das pessoas impedindo-as da troca verbal de notícias entre elas. Compreende-se nesse tempo um grande abismo entre as pessoas no

que se refere ao seu pertencimento na sociedade. Os leitores pertenciam à classe média e alta. Em certa medida, havia obstáculos na aquisição da informação por parte de todos. Sobre esse assunto Hobsbawm, expressa:

O resto do mundo era assunto dos agentes governamentais e dos boatos. Não havia jornais, exceto os pouquíssimos periódicos das classes média e alta – ainda em 1814 era apenas cinco mil exemplares a circulação de um jornal francês –, e de qualquer forma muito pouca gente sabia ler. As notícias chegavam à maioria das pessoas através dos viajantes e do setor móvel da população: mercadores e mascates, artesãos itinerantes, trabalhadores de temporada, grande e confusa população de andarilhos que ia desde frade ou peregrinos até contrabandistas, ladrões e o populacho; e, é claro, através dos soldados que caíam sobre o povo durante as guerras e o aquartelavam nos períodos de paz. (Hobsbawm, 2004, p. 27).

Constata-se nesse parecer que havia interesse, ainda pequeno por parte das pessoas mais informadas de reter a notícia de fatos que ocorriam ao seu redor. Por outro lado haviam aquelas pessoas desprovidas do bem da leitura não estavam tão bem informadas, mas, o pouco de informação que a pessoa detinha procurava trocar com os demais no relacionamento na sociedade em que vivia. Embora ignorância ainda seja um problema em muitas áreas do mundo, leis compulsórias de educação na infantil asseguraram que a maioria dos cidadãos de nações menos industrializadas ou avançadas poderia ter o domínio da leitura.

Refletindo sobre o complexo conjunto de movimentos que estão presentes no ano de 1700 até 1827 coevo a vida Pestalozzi, que convive com a revolução científica, ou seja, o novo conceito de ciência entende-se a definição de ciência logo pela sua origem:

A palavra “ciência” vem do latim *scientia*, traduzindo o grego *επιστημη*, que significa “arte”, “habilidade”, “conhecimento”, “ciência”, “saber”, etc. O termo grego é, por sua vez, constituído de dois outros: *επι* (Preposição cujo sentido radical é “sobre”; todavia apresenta vários outros significados, inclusive o de direção) & *ιστημι* (“estabelecer”, “firmar”, “fixar”). Partindo deste ponto, Cassirer (1874-1945) diz que “o processo científico conduz a um equilíbrio estável, à estabilização e à consolidação do mundo das nossas percepções e pensamentos”. (Costa, 2004, p. 214).

Em certa medida Pestalozzi sentiu entusiasmo pela ciência, mas, por outro lado, dá sua contribuição lançando a base para que outro cientista se adiante na dinâmica do movimento em busca da sabedoria: o racionalismo** e o empirismo. Pestalozzi, com seu jeito prático de descrever o fato em sua narrativa, constitui a forma de exercitar os órgãos dos sentidos e seu crescente aperfeiçoamento. Naturalmente o conceito refletido pelo significado é: “À tese do racionalismo, segundo a qual a verdadeira fonte do conhecimento é o pensamento, a razão, o empirismo (de *empeiría*, experiência) contrapõe a antítese, dizendo que a única fonte de conhecimento humano é a experiência”. (Hessen, 2000, p. 54). A idéia por meio da qual os órgãos dos sentidos no ambiente, se vai construindo o conhecimento na convivência com as diversas sensações permitindo a conceituação. “A consciência cognoscente não retira seus conteúdos da razão, mas exclusivamente da experiência. Por ocasião do nascimento, o espírito humano está vazio de conteúdos, é uma *tabula rasa*, uma folha em branco sobre a qual a experiência irá escrever”. (Hessen, 2000, p. 55).

Pestalozzi apropria-se deste olhar científico, tornando seu ponto de partida por meio da observação e experiência. Entende-se desse conceito a influência do empirismo. Pondera-se uma conexão importante entre Pestalozzi e Bacon (1561-1626), note-se através do método da ciência, o qual é descrito por Bacon (1973, p. 27-29) no seu texto *novum organum*: “Saber é poder. [...] Estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana. [...] Todas as percepções, tanto dos sentidos como da mente guarda analogia com a natureza humana e não com o universo”. O homem volta-se para si e inventa sua própria imaginação e cria seu ídolo moldado por meio de sua relação com o eu interior. “São provenientes dos homens enquanto indivíduos. Pois, cada um – além das aberrações próprias da natureza em geral – tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza; devido à natureza própria singular de cada um; seja devido à educação

** Racionalismo - conjunto de teorias filosóficas (*eleatismo, platonismo, cartesianismo* etc.) fundamentadas na suposição de que a investigação da verdade, conduzida pelo pensamento puro, ultrapassa em grande medida os dados imediatos oferecidos pelos sentidos e pela experiência. Houaiss. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa 2001.

ou conversação com os outros”. Segundo Pestalozzi, a construção da relação com o conhecimento requer o saber instrumental, o fazer experimental o qual intui para investigar o objeto de conhecimento. Sobretudo quando sua estrutura de pensar perpassa a intuição, essa linha marcante no seu método de educação, o qual será tratado no capítulo posterior.

O CLIMA DE REVOLUÇÃO E PESTALOZZI

Distingui-se de toda complexidade de sobreviver, na ocasião estava com a idade de 19 anos, por volta do ano 1765, começa na implantação da sociedade Helvética maçônica e assim tem início sua militância. Logo em seguida organiza a sociedade maçônica um jornal – “O Monitor” (Erinnerer, no original alemão) com o propósito de divulgar entre o povo suíço os princípios de moralidade e justiça. Neste órgão de imprensa Pestalozzi publica seu primeiro texto, Lopes, notifica:

Naquele tempo não se permitia em Zurique nenhuma crítica à aristocracia dominante, mas a crítica aparecia disfarçada, como aqui se vê. Por isso o autor deu ao seu artigo o título *Aspirações*, e foi logo dizendo: - “*Dizem-me diariamente que, um povo que ocupa neste país posição tão insignificante, não deve meter-se a criticar, nem a melhorar coisa alguma porque isto está fora de sua alçada*”. Contudo, posso expressar os meus desejos, minhas aspirações. Ao menos isto ninguém pode me proibir ou recriminar. E passa a enumerar as coisas que desejava ver acontecer em Zurique, no que mostra já seu grande interesse pelo bem público e notadamente pela educação moral do povo: *Quisera não encontrar em nenhum espírito bem-dotado, a indolência ou o orgulho de grandeza que o impedisse de trabalhar com coragem e perseverança para o bem público. Quisera que ninguém desprezasse as pessoas mais humildes quando honestas e trabalhadoras. Quisera que os pais tivessem mais cuidado na escolha de companheiros para seus filhos; Quisera que alguém escrevesse de modo compreensível para todos, alguns princípios gerais de educação, e que algum espírito generoso partilhasse da despesa de sua impressão de modo que pudesse ser vendido por preço mínimo, ou distribuído gratuitamente ao público.* (1981 apud Roger de Guimps et al, 1904, p. 20).

A formação humanitária recebida por Pestalozzi influenciara sua vida estudantil, e o aditivo recebido quando ainda infante da parte de seu avô André Pestalozzi. Agora nesta fase de amadurecimento explode de tal maneira que Pestalozzi não consegue mais manter-se distante, envolvendo-se tão profundamente que vai parar na prisão pela sua identificação com o ideal revolucionário. Existe um movimento latente no coração do cidadão (agricultor e artesãos) de Zurique que clama por uma reforma social. Com o fim de evidenciar este pensamento Lopes diz: “Havia em Zurique e em toda a Suíça um grande descontentamento popular, espécie de fermento revolucionário, como preparação da onda revolucionária que se aproximava. E a grande revolução não tardou a explodir com a tomada da Bastilha a 14 de julho de 1789”. (Lopes, 1981, p.45). Uma manifestação real do reconhecimento público foi realizada pela Assembléia Nacional de Paris. Lopes, Escrevendo sobre o assunto diz: “[...] foi honrado com o título de cidadão francês ao lado de Wanshington, Hamilton, Paine, Priestley, Maddison e outros, honraria concedida pela Assembléia Nacional de Paris, na sessão de 26 de agosto de 1792”. (Lopes, 1981, p. 46). Tratando-se de apoio a revolução, encontramos uma lista de notáveis europeus na Inglaterra onde se faz a inclusão de Pestalozzi, tal rol é exposto por Hobsbawn:

Na Grã-Bretanha, esta lista incluía os poetas – Wordsworth, Blake, Coleridge, Robert Burns, Southey –, cientistas, o químico Joseph Priestley e vários membros da distinta sociedade Lunar de Birmingham, tecnólogos e industriais como Wilkinson, o capitão do ferro, e o engenheiro Thomas Telford, e ainda intelectuais membros do partido Whig e dissidentes em geral. Na Alemanha, incluía os filósofos Kant, Herder, Fichte, Schelling e Hegel, os poetas Schiller, Hoelderlin, Wieland e o idoso Klopstock, além do músico Beethoven, na Suíça, o educador Pestalozzi, o psicólogo Lavater e o pintor Fuessli (Fuseli); na Itália, praticamente todas as pessoas de opiniões anticlericais. (2002, p. 117).

É relevante ponderar o clima revolucionário impulsionado pela revolução industrial, mas, sobretudo da mola propulsora que foi o movimento empirista e seus desdobramentos na comunidade europeia de 1780.

Para conceituar essa época revolucionaria bem com a definição de revolução, deve-se considerar a contribuição de Bobbio:

A palavra Revolução foi criada exatamente na Renascença, numa referencia ao lento, regular e cíclico movimento das estrelas, como que a indicar que as mudanças políticas não se podem apartar de “leis” universais e implícitas. É no século XVII que a palavra vem a ser usada como termo propriamente político, para indicar o retorno a um estado antecedente de coisas, a uma ordem preestabelecida que foi perturbada; a Revolução Inglesa de 1688-1689 representa, com efeito, o fim de um longo período, também marcado pela guerra civil, e a restauração da monarquia. E é, além disso, significativo que a Revolução Americana e até mesmo a Francesa, no inicio, não fossem concebidas pelos seus autores como algo original e inédito, mas como retorno a um estado de coisas justo e ordenado, que havia sido perturbado pelos excessos, pelos abusos e pelo desgoverno das autoridades políticas, e que deveria ser restaurado, que se tratasse de eliminar as exorbitâncias do Governo colonial Inglês, quer se devesse moderar o exercício despótico do poder da monarquia borbônica. (Bobbio, 2000, p. 1123).

O desdobramento social da Revolução Industrial penetrou profundamente em todo tecido social Europeu, essa mobilização ecoou nas colônias Americanas intensamente. Mas o nosso foco é a Europa, assim depara-se com o empirismo modificando o jeito de pensar inglês. Aplicando-se a economia como referencial de crescimento, averiguando seu inicio revela-se que o conceito foi nutrido pela guerra. Lançando luz sobre esse momento Godechot nos esclarece:

[...] Fora estimulada pelas fabricações de guerra, e fizera mais progresso que na Europa continental, onde se iniciara com quase vinte anos de atraso. A indústria começava a se localizar numa dezena de regiões nitidamente determinadas. Antes de tudo, em Londres e em seus arrabaldes, imensas aglomerações, então a mais populosa do mundo, contando com cerca de 860.000 habitantes. A principal indústria era a das sedas. Dez a quinze mil ofícios ocupavam quase trinta mil operários e trabalhavam principalmente para o mercado interno. No nordeste, a região de Norwich era um centro de fabricação da lã cardada que não progredira [...] A produção dos dez mil ofícios que aí recenseamos caíra de 1.200.000 £ em 1770 para 800.000 em 1805. [...] Mas a indústria de lã era suplantada pela refinação de

açúcar (em Bristol) e, sobretudo pela metalurgia do ferro e do estanho (em Bristol e na Cornualha). [...] A metalúrgica pesada fora perturbada pelo emprego alto-forno e pela utilização de carvão de pedra em lugar do de madeira. Em 1806, contavam-se na Grã-Bretanha 222 altos-fornos, possuídos por 122 empresas, produzindo em média, 250.000 toneladas por ano, ou seja, 75% mais que a França na mesma época. (Godechot, 1984, p.130-131).

A relevância desta amostra corrobora com uma visão mais ampliada da organização social, porém entende-se que embora tivesse toda essa conjuntura de produção iria enfrentar problemas na agricultura. O abalo estrutural em outros setores da vida social aconteceu naturalmente e a conseqüência deste crescimento urbano astronômico foi provocada pelo excesso populacional, vindo da zona rural, em parte esta ocorrência data de 1805. Godechot descreve a notícia como segue:

[...] continua, por volta de 1805, uma nação agrícola. Mas transformou-se completamente o papel da agricultura na economia britânica. Dado o aumento da população – que dobrou durante o século XVIII – e a substituição progressiva das culturas cerealíferas pela criação, as exportações de cereais, que ainda eram freqüentes no século XVIII, cessaram totalmente alguns anos mais tarde. Num ano médio, a produção agrícola é ligeiramente deficitária, e a Inglaterra precisa importar. Num mau ano, as importações são ainda mais indispensáveis. Em 1803, a Grã-Bretanha comprou 2.677000 hl de cereais. Todavia, a canada de trigo (2911), que em 1798 valia 47,11 xelins subira a 148,6 xelins em 1801, época de penúria, agravada pela liga dos Neutros, que impediu a importação de trigos dos países do Báltico. Se coincidissem com um período de más colheitas, o fechamento da Europa poderia, pois, provocar crise na Grã-Bretanha e uma alta catastrófica dos preços. (Gdechot, 1984, p.132-133).

A dificuldade com o desabastecimento nessa época é muito comum, posto que existam 'n' variantes cooperando nessa direção. A constante de não se ter uma previsão do clima e da chuva contribuía para a incerteza da colheita. Levando-se em conta que a população inglesa dobrou no século XVIII, e com o crescimento vertiginoso de outros centros urbanos. A título de consideração observa-se que a população de Londres ultrapassou a casa de um milhão de habitantes, o que para aquele momento era muito. O desajustamento em algum setor da sociedade é perfeitamente possível, veja o registro de 1830, Arruda relata a notícia: “Em 1830, o

relatório Sadler denunciou as condições do trabalho na Inglaterra e alguns problemas, como a regulamentação de idade para o trabalho das crianças e das mulheres, foram então resolvidos”. (Arruda, 1977, p. 30). A notícia é importante no que tange a regulamentação do trabalho. No ano de 1830 já há legislação regulamentado e orientando a empresa e o trabalhador.

PANORAMA EDUCACIONAL E PESTALOZZI

Em 1792, tem uma conversa amistosa com o filósofo alemão, Fichte, das correspondências com Fichte, elaborou o livro: *Minhas investigações sobre o curso da natureza no desenvolvimento da raça humana*. Sobre o encontro de Pestalozzi com o filósofo Fichte. Pondera Eby, nestes termos: “Os dois homens tornaram-se amigos dedicados, com conseqüências da maior importância. Por sua sugestão, Pestalozzi escreveu seu livro mais erudito *Minhas investigações sobre o curso da natureza no desenvolvimento da raça humana*” (1976, p. 379 grifo do autor).

O convite do novo governo da Suíça em 1798, foi dirigir o orfanato em Stanz, nessa oportunidade vê seu ideal tornar realidade. Ocasão para aplicar sua formulação maior: o amor a Deus e o amor ao próximo, revelado na regra de relacionamento familiar entre pai e filho. Cabanas mencionando esta experiência de Pestalozzi diz: “Até que no ano de 1799 O Estado Suíço lhe ofereceu a direção do instituto de órfão em Stanz; tanto como mestre, foi o pai das oitenta crianças com idade entre cinco e quinze anos que foram entregues aos seus cuidados, e com ele começou a aplicar os princípios fundamentais de seu sistema. A experiência durou poucos meses, pois o edifício teve de ser transformado em hospital de guerra e Pestalozzi aceitou uma vaga de docente na escola em Burgdorf, [...] (1996, p. XI). Cabanas, traz um dado novo, chama nossa atenção à revolução helvética de 1798,

o edifício foi requisitado para se tornar um hospital com o fim de atender os feridos das tropas de Napoleão. Poderíamos ser levados a pensar em outro fracasso, mas, os estudos caminham na direção de afirmar que esta experiência, veio a se tornar o embrião da educação primária moderna. Eby, pensando sobre esse momento da vida de Pestalozzi, diz: "encarregou-se do orfanato em Stanz, o qual nos curtos meses de sua existência, se tornou 'o berço da escola elementar moderna'(1976, p. 379). Ainda sobre o curto período vivido ali por Pestalozzi, a professora Palmer afirma:" Esses sete meses foram decisivos na vida de Pestalozzi e muitos estudiosos afirmam que Stanz deve ser considerada o berço da moderna pedagogia" (Palmer, 2005, p.86).

Cambi refletindo sobre a presença histórica de Pestalozzi vai mais longe e, afirma: "Podemos dizer que Pestalozzi, melhor que Rousseau, colhe a pedagogia e a educação em toda sua problematidade, e também sua centralidade e densidade históricas. E por isso continua a ser um dos grandes mestres da pedagogia contemporânea" (1999, p. 420). Fundamentado no seu ideal de regenerar a sociedade por meio da educação e de uma vida espiritual no temor de Deus. Pestalozzi escreve uma carta como resultado deste curto período de vida, manifestando em certa medida o seu idealismo educacional e sua aplicabilidade em qualquer sociedade. Este manifesto foi publicado em 1807.

Em 1800, Pestalozzi inicia seu trabalho educacional no castelo de Burgdorf, continuando seu serviço de pedagogo e educador, motivado internamente pelo amor Deus e amor ao próximo, apresentam seu método que é composto de intuição e instrução mútua. Cabanas ao relatar esta experiência de Pestalozzi, constata:" onde utilizou seu método de "intuição"; fundou subsequente um colégio e um instituto para a formação de professores, neste centro de formação Pestalozzi contou com

preciosos e honrados colaboradores, elaborando sua teoria pedagógica” (Cabanas, 1996, p. XI). Destacamos nesta ponderação a preocupação de Pestalozzi em formar professores. Com a intenção de multiplicar seu método educacional nas regiões mais pobres do seu país. Angustiado com as consequências das revoluções: de um lado a helvética e do outro à francesa. Certamente a degradação do homem era real, mas, sobretudo nas crianças e adolescentes. A professora Palmer exprime a mesma idéia ao descrever:

O mesmo momento em que esta substituindo a antiga e paternalista ideologia republicana pela despolitizada e maternal idéia do *wohnstube*, o governo Helvético, especialmente o Ministro Kantiano da Ciência e Educação Philipp Albert Stapfer, julgava que Pestalozzi seria a pessoa ideal para supervisionar o novo sistema escolar. O ‘método’ de Pestalozzi era considerado capaz de satisfazer a todas as ambições educativas da jovem nação. “O treinamento de professores seria baseado na noção de conhecimento de Pestalozzi, que era moralmente enobrecedor” (2005, p. 87).

O tema profundamente necessário é o desenvolvimento de professores, certamente este é o tema prioritário de qualquer setor da vida humana produtiva. Mas, a educação para a vida e o trabalho deve atingir a todos com preferência para as pessoas mais desprovidas de recursos. Ou em outros termos, como era intenção de Pestalozzi aquele que realizou a sua autonomia, faça uma avaliação no sentido de possibilitar ajuda a outros obterem a sua autonomia.

Em 1805, acontece outra mudança no trabalho educacional de Pestalozzi, todavia dessa vez ele permanece vinte anos. Os estudiosos afirmam ser este o tempo mais brilhante de Pestalozzi. Cabanas descrevendo esse momento da vida de Pestalozzi relata:

Em 1805 Pestalozzi se estabeleceu em Yverdon, onde fundou a instituição educativa que abarcava os diversos graus de ensino e que lhe proporcionou maior fama europeia, recebendo alunos e visitantes de diversos países atraídos pelo espírito renovador de sua educação e instrução que ali aplicava. Funcionava em regime de internato e com espírito de família, aplicando-se em toda plenitude o método pestalozziano. (1996, XI).

É bem verdade se nós levarmos em conta os grandes centros de desenvolvimento humano (as grandes universidades) atual constata-se que vinte anos pode ser considerado pouco tempo de vida, naquela época era muito. Pensando sobre a formação das pessoas bem sucedidas nos negócios no século XVIII, temos uma vaga idéia deste período. Porém observando seu tratamento dispensado a educação causara surpresa:

Eles apreciavam seus intelectuais, até mesmo quando, como no caso de Richard Cobden (1804-1865), não eram homens de negócios particularmente bem-sucedidos, desde que evitassem idéias pouco práticas e excessivamente sofisticadas, pois eles eram homens práticos cuja própria falta de instrução fazia-os suspeitar de qualquer coisa que fosse muito além do empirismo. O cientista Charles Babbage (1792-1781) propôs-lhes seus métodos científicos em vão. Sir Henry Cole, o pioneiro do desenho industrial, da educação técnica e da racionalização do transporte, deu-lhes (com a inestimável ajuda do Príncipe Consorte alemão) o mais brilhante monumento a seus esforços, a Grande exposição de 1851. Mas foi forçado a se retirar da vida pública em virtude ser um intrometido com certo gosto pela burocracia, o que, como toda interferência governamental, eles detestavam, quando não se associasse diretamente com seus lucros. (Hobsbawm, 2002, p. 261-262).

Por outro lado, se consideramos as contingências da vida, no que se refere ao empenho de buscar conhecer as técnicas e as idéias que sustenta o domínio do exercício da profissão. Ao mesmo tempo existiam homens dotados com uma mente preparada e, recursos com os quais nos esclarecia facilitando a atingir os objetivos determinados. Já no século XVIII a falta de discernimento tinha como princípio, a mobilização com o fim de não permitir o esclarecimento. Assim teremos a nítida impressão de que vinte anos é um tempo razoável para conquistar os aportes necessários visando o esclarecimento, em outros termos é uma geração. Diante da normalidade da vida humana, vinte anos é um tempo muito breve. O problema do tempo para formar um cidadão capaz de usar seu talento e sua força de trabalho era extramente complexa, ao se levar em conta que aparentemente existia um conluiado

contra o ingresso de pessoas nas escolas de formação profissional, este relato levamos a clarificar o pensamento:

A maior parte do descontentamento de massa fora da Grã-Bretanha ainda não era político ou tinha um sentido ostensivamente legitimista e clerical, um protesto mudo contra a nova sociedade que parecia nada trazer exceto o mal e o caos. Com algumas exceções, portanto, a oposição política no continente estava limitada a minúsculos grupos de ricos e de pessoas cultas, o que ainda significava em grande parte a mesma coisa, pois até mesmo em uma fortaleza de esquerda tão poderosa quanto a *École Polytechnique* somente $\frac{1}{3}$ dos estudantes – um grupo bastante subversivo – se originava da pequena burguesia (a maioria deles através dos escalões mais baixos do exército e do serviço público) e somente 0,3% vinham das “classes populares”. Os pobres que estavam conscientemente na esquerda aceitavam os *slogans* revolucionários da classe média, [...]. (Hobsbawm, 2002, p.165).

O relato descreve uma atitude da elite dominante. Pensar e agir em pequeno grupo para articular na sociedade com o fim de minar o acesso à escola e impedir o aperfeiçoamento de pessoas das camadas pobres da sociedade. Drenando a possibilidade de ascender e ocupar espaço no tecido social, conseqüentemente não permitindo a transformação do seu ambiente. Vale ressaltar outro grave problema na sociedade nesse período é que as pessoas do mundo não tinham instrução. Certamente o analfabetismo desse período é devastador, pois impedia a comunicação entre os povos e o desenvolvimento dos estados autônomos. “É claro que a imensa maioria dos europeus (e não europeus) continuava sem instrução. De fato com exceção dos alemães, dos holandeses, dos escandinavos, dos suíços e dos norte-americanos, não se pode dizer que qualquer outro povo fosse alfabetizado em 1840”. (Hovbsbawm, 2002, p.194). Desta maneira, justifica-se o fato de Pestalozzi ter vivido e convivido na sua vida a maior parte do tempo com pessoas sem instrução, pobres e analfabetas.

Despertado inicialmente pelo sentimento filantrópico romântico e seus professores, abraçou a causa de revolucionar a sociedade por meio da educação,

sendo politicamente engajado no ideal republicano: de que os homens são livres, iguais e fraternos, conseqüentemente avalia que para atingir esse objetivo era necessário principiar pela família, religião e educação todos sustentados pelo laço do amor. Mas deve-se ponderar que Pestalozzi teria no seu caminho resistência de toda sorte. Vencer o analfabetismo seria seu grande desafio, posto que: “Pode-se dizer que vários povos eram totalmente analfabetos, como os eslavos do sul, que contavam menos de 0,5% de pessoas alfabetizadas em 1827(mesmo muito mais tarde somente 1% dos recrutas dálmatas do exército austríaco sabiam ler e escrever)”, [...]. (Hobsbawm, 2002, p.195).

Estes relatos nos apontam os graves problemas na Europa e nos países próximos a este continente, a tensão de estar em guerra e em outros momentos ficar em alerta, uma vez que havia abusos por parte dos soldados aquartelados na cidade, ainda o temor de ser atacado a qualquer momento pelos exércitos inimigos inibia outras atividades e ensino. Todo sistema contribuía para manutenção do analfabetismo nas tropas e nas outras regiões, como escreve: “ou os russos, que tinham 2% em 1840, e que muitos outros eram quase analfabetos, como os espanhóis, os portugueses (que parece tinham somente cerca de oito mil crianças ao todo na escola após a Guerra Peninsular) e, com exceção dos lombardos e piemonteses, os italianos”. (hobsbawm, 2002, p. 195).

Houve um esforço da parte dos franceses no período de Napoleão, quando o mesmo propôs a estatização do ensino. Este fato encontra-se relatado nestes termos: “O ensino transformou-se num grande serviço público, mas foram, sobretudo, as escolas secundarias e superiores que lucraram com as reformas. Napoleão interessou-se pouco pelas escolas primarias. Por falta de verbas, continuaram insuficientes em número, e abandonadas às iniciativas municipais ou

particulares”. (Godechot,1984, p.91). Naturalmente haveria aperfeiçoamento no segmento selecionado, pois esse setor receberia atenção e investimento. A necessidade da França, no período de Bonaparte, era de formar pessoas para assumir os diversos setores da administração pública. Godechot constata: “Portanto, no campo, a instrução pouco progrediu. Ao contrario o ensino médio reteve a atenção de Bonaparte, pois a ele se pedia que formasse os numerosos funcionários e oficiais de que o Estado tinha necessidade”. (1984, p.91).

Acontece que este investimento atendeu em parte o conjunto da sociedade francesa. Ainda neste período analisado, primeiro: “em 1806 Napoleão reservou ao Estado o monopólio do ensino”. Porém dois anos depois: “A partir de 1808, o conjunto dos estabelecimentos secundários e superiores formou a Universidade Imperial”. (Godechot, 1984, p. 91). Vê em outro momento que toda energia aplicada ao desenvolvimento do povo é um processo lento, o qual exige ajuste constante com o fim de adaptar-se ao ambiente social. Portanto, na Europa existe contraste: “Até mesmo a Grã-Bretanha, a França e a Bélgica tinham cerca de 40% a 50% de analfabetos na década de 1840”. A relevância de tais observações realça o trabalho construído por Pestalozzi durante vinte anos. A dedicação à formação do ser humano integral, agindo a partir da primeira infância, abarcando o ensino secundário e a formação profissional do professor, muito contribuiu consistentemente ao aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo dos alunos e seus familiares.

Quando colocamos dentro de um cenário desfavorável a sobrevivência, seremos levados a uma conclusão menos superficial. Em outros termos, desperta a atenção à realidade de Pestalozzi, descrita por Eby analisando este momento escreve:

As reformas educacionais de Pestalozzi podem ser apreciadas melhor em contraste com as condições escolares existentes as quais eram

extremamente más para a educação do povo em geral. A Igreja ainda controlava, em grande escala, as escolas por toda parte e não demonstrava preocupação real pela melhoria delas. A instrução consistia de pouco além do catecismo. A memorização era o único método, e os professores não possuíam habilitações para sua tarefa. As classes privilegiadas encaravam a massa popular como gado e, tendo em vista os horrores da Revolução Francesa, temiam esclarecê-la. Mas ainda, é errôneo pensar-se que o povo, de seu lado, ansiasse por conhecimento. Mergulhados na ignorância e na superstição, suspeitavam profundamente e não confiavam em qualquer esforço filantrópico para melhorar seu destino. Mais de um esforço nobre por sua educação foi frustrado por inércia ou obstinada oposição. [...] Condições semelhantes eram encontradas na maioria dos países europeus. Os professores” eram, geralmente, escolhidos por outras razões, que não a capacidade de Instruir. Nenhuma habilitação especial era exigida. Soldados incapacitados eram nomeados por Frederico, o Grande. Alfaiates, taberneiros, pedreiros e outros artesãos eram empregados com freqüência. Às vezes, a escolha era determinada pela posse de uma sala onde as crianças pudessem se reunir. [...] O trecho seguinte fornece um quadro das condições existentes, quando o pastor Stouber visitou a escola:[...] Ele foi levado a uma cabana miserável, onde um certo número de crianças estava amontoado sem qualquer ocupação, e num estado tão irrequieto e barulhento que conseguiu obter, com dificuldades, uma resposta a suas perguntas a respeito do mestre. “lá está ele,” disse um deles, apontando para um velho decrépito que estava na cama, a um canto da sala. “Sois vós o mestre-escola, meu bom amigo?”, indagou Souber. “Sim, Senhor”. “E o que ensinai às crianças?” Nada, Senhor”. Então, por que o fizeram professor? Ora, Senhor, durante muitos anos tomei conta dos porcos da aldeia, e quando fiquei muito velho e fraco para isso, mandaram-me para cá tomar conta das crianças. (1976, p. 382).

A nossa compreensão muda com esse esclarecimento entende-se até que ficamos perplexos, com tal complexidade da escola e do educador. Prosseguindo com minha argumentação sobre Pestalozzi e sua experiência concreta em Yverdon, com o fim de manifestar uma visão mais integral possível e qualificar adequadamente como era a vida do aluno no dia-a-dia, a distribuição do conteúdo e a tarefa diária do professor no instituto. Recorro ao quadro descrito pelo estudioso Eby (1874-1968) onde registra:

No seu apogeu, registrou cerca de 150 a 200 alunos, abrangendo dos 6 ou 7 anos de idade até os 18. A maioria era de suíços, mas muitas nacionalidades estavam representadas – franceses, alemães, italianos, poloneses e outros. As línguas predominantes eram o Francês e o alemão. [...] Pestalozzi, sua mulher e os professores solteiros residiam no instituto e o dirigiam como uma família bem

organizada. As longas salas localizadas no andar superior do velho castelo faziam as vezes de dormitórios para os meninos. [...] Pestalozzi jamais vacilou quanto à convicção de que o lar é a instituição educacional ideal, o meio mais eficaz para a experiência social, o alicerce de toda a vida moral, política e religiosa. “Nossa engrenagem educacional”, declarava, “só tem valor enquanto se aproxima da natureza de uma casa bem organizada em todos os seus pormenores”. Um camponês que veio à instituição de Pestalozzi para visitar seu filho, surpreendido: “Oh! Isto não é uma escola, mas uma família!” Encantado, Pestalozzi replicou: “Este é o maior elogio que vós me poderíeis fazer. Eu consegui, graças a Deus, mostrar ao mundo que não deve haver um abismo entre o lar e a escola”. [...] O programa diário mostra como a vida dos meninos era dirigida de forma Integral. Os mestres dormiam nos mesmos quartos que eles. Meia hora era concedida para o vestir. Das seis às sete horas, realizavam-se as orações matinais e as primeiras lições. Depois, seguiam-se o banho e o desjejum. Das 8 às 10 continuavam as lições, sendo uma hora dedicada a cada aula. Uma merenda era feita no intervalo de cinco ou sete minutos entre as horas de aula. De 10 às 12 horas seguiam-se outras lições. De 12 horas às 13h30 minutos os alunos almoçavam; depois recomeçavam as aulas até às 16h30 min ou 17horas. Era concedido, novamente, um curto período de recreio e seguiam-se aulas até às 20h às 21:00 diziam-se orações da noite e, então, os meninos iam para cama. Ver-se-á que o dia era ocupado completamente. Um período de muito maior do que o usual nas escolas de hoje era dedicado ao trabalho de classe; entre nove e dez horas diárias eram estas em exercícios em classe. [...] Cuidava-se de evitar que as crianças fossem sobrecarregadas de trabalho. As matérias mais difíceis, como aritmética, vinham pela manhã, quando a mente estava mais fresca e as mais leves: Música, Desenho, Esgrima e trabalho Manual, à tarde. Aulas particulares especiais sobre línguas e outras matérias deveriam se realizar nessa ocasião. A recreação desempenhava um importante papel na vida escolar. As tardes de quarta-feira e sábado eram livres e, freqüentemente, eram aproveitadas numa excursão a algum lugar rígrida. A vida do lugar era bastante informal, simples e variada. Às vezes, Pestalozzi ficava tão interessado nos jogos após o desjejum, que permitia sua continuação até às 10:00. A natação no rio que corria junto ao castelo era uma atividade comum no verão. [...] A organização da escola era muito simples. Os meninos abaixo de oito anos eram agrupados numa classe primária. Acima desta estava a escola propriamente dita, consistindo em dois grupos: a classe inferior de meninos, de 8 a 11 anos de idade, e a classe superior, de 11 a 18 anos. O currículo e o tempo dedicado a cada matéria semanalmente eram os seguintes:

CLASSE INFERIOR		CLASSE SUPERIOR	
<i>Matéria</i>	<i>Horas</i>	<i>Matéria</i>	<i>Horas</i>
Estudo da Natureza.....	2	História Natural	2
Descrição de Produtos de arte.....	2	Tecnologia.....	2
Geografia	2	Aritmética.....	6
Conhecimento do campo (passeio)	2	Geometria e Desenho	4
Aritmética (Mental).....	6	Linguagem	4
Desenho.....	4	Canto.....	3
Leitura e Linguagem.....	6	Religião.....	9
Canto.....	3		

Religião..... 6

Certamente trabalhar em uma escola neste padrão, com possibilidade para desenvolver competências e habilidades, causa muito boa impressão uma vez que era uma época tão desagregadora e sem humanidade, mas, havia um lugar onde Deus era reconhecido, onde havia lição de humanidade. Com toda manifestação de dignidade, percebemos que não havia lugar para a menina. Faz-se necessária levar em conta o fator cultural. Esse é um tema para outra ocasião.

Vejo oportuno perguntar, de onde vêm tamanha resiliência na pessoa de Pestalozzi? De seu reconhecimento e temor de Deus e do seu amor ao próximo. De sua verdadeira e real práxis protestante. De sua gratidão ancorada na vida e obra do Senhor Jesus Cristo. No compromisso real com o Deus providente. Destarte a resiliência é absorvida por meio da experiência concreta, mais suportada por uma convicção fundamental na providência de Deus, explicitada pela Palavra de Deus. Na observância de homens usados por Deus como: Paulo, Lutero, Calvino, T. Beza... Para manifestar o poder do governo e justiça entre os homens debaixo da soberana de Deus. Como fez Pestalozzi a despeito de toda dificuldade caminhou corajosamente alimentado por meio do saber perceptivo e sua intuição na educação com o fim de conquistar e promover entre os homens a autonomia.

A QUESTÃO RELIGIOSA NOS DIAS DE PESTALOZZI

O clima religioso de 1700 a 1827, objeto desta análise é marcado em certa medida pelo início da diminuição do poder da Igreja católica romana. Entende-se que neste assunto é necessário bastante cuidado, todavia observar o registro realizado por Michelet sobre pronunciamento de Fauchet, em agosto de 1789 ao exprimir:

A ressurreição do povo que quebra finalmente o seu túmulo, a própria feudalidade a afastar a lápide com que o manteve tapado, a obra dos tempos numa noite, eis o primeiro milagre do novo Evangelho, divino milagre, autêntico!

Como ficam aqui bem as palavras que Fauchet pronunciou sobre as ossadas achadas na Bastilha: 'A tirania emurara-os nesses cárceres que julgava eternamente impenetráveis à luz. *Chegou o dia da ressurreição!* Os ossos ergueram-se ao ouvir a voz da liberdade francesa; depõem contra os séculos da opressão e da morte, profetizando a regeneração da natureza humana e da vida das nações'!... Belas palavras, e de verdadeiro profeta... Recolhamo-las nos nossos corações como o tesouro da esperança. Sim, eles ressuscitarão!... A ressurreição, que começou sobre as ruínas da Bastilha, continuou na noite de 4 de agosto, manifestará à luz da vida social essas multidões que definham ainda nas sombras da morte... A alvorada veio em 1789, depois a aurora começou, e tudo envolvido de trovões; depois foi o eclipse negro e profundo... Mas o sol brilhará: '*solem quis dicere falsum audeat?*' (Michelet, 1990, p.185).

A proposta do texto é relatar à assembléia de agosto de 1789 na França, e a explicitação concreta de satisfação da liberdade denunciado pelo próprio Michelet, seu comentário ao poder do romanismo, que por tanto tempo impediu o ser humano de construir o seu próprio caminho com os tapumes de uma religiosidade de deformações. Apreende-se do texto um compromisso com a nova maneira de ver: a igreja, o Estado e o povo. É verdade que existe uma demonstração de coragem da parte dos participantes na assembléia, uma vez que indicam os erros da realeza e apontam os erros da Igreja Romana. Mantendo sua postura de investigador da história, situa a Igreja Romana e suas instituições dentro dos limites de sua responsabilidade e missão. Mostra o descumprimento total de sua função, contribuindo para o agravamento do hiato entre as pessoas. Sobretudo no que tange ao desenvolvimento humanizador do homem. Michelet descreve a nova visão quando afirma:

O que em 1789, testemunha contra a Igreja de maneira gravosa é o estado de completo abandono em que ela deixou o povo. Só ela teve durante dois mil anos a missão de instruí-lo, e eis como o fez... Que fim tinham as piedosas fundações da Idade Média? Que deveres impunham ao clero? A salvação das almas, o seu melhoramento

religioso, a suavização dos costumes, a humanização do povo... Ele era vosso discípulo, estava abandonado a vós e só a vós; que Ihe haveis ensinado, ó mestres... Continuais a falar-Ihe desde o século XII uma linguagem que já não é a sua, o culto deixou de ser para ele um ensinamento. A Predicação substituí-a; e, pouco a pouco, cala-se ou fala só para os ricos. Negligenciastes os pobres, desdenhastes a tuba rude... rude? Por vossa causa. Por vossa causa existem dois povos: o de cima, exclusivamente civilizado e requintado, e o de baixo, rude e selvagem, muito mais isolado do que outro que na origem. (Michelet, 1990, p.187).

O desdobramento destes fatos promove um impacto profundo na sociedade, em todos os setores da vida religiosa européia, pois a retirada dos feios do clero e os cabrestos da realza fazem irradiar a luz do esclarecimento. Os bens da Igreja retornam ao Estado, ou melhor, ao povo, o qual tem o direito de administrar para o bem do povo. Neste período aumenta a descristianização da classe educada e culta, o julgamento por bruxaria e heresia, que normalmente acontecia condenando as pessoas à fogueira fica no caminho do esquecimento. O culto racionalista é cada vez mais restrito entre a classe alta, houve um aumento significativo de ateus não declarados, porém é natural que a Igreja constitucional sendo a majoritária nas classes média e baixa, perquiria com todo entendimento organizar e unir os seus depositários. Sem sucesso posto que a grande maioria dos bispos fosse morto ou exilados escondido fugindo da revolução. Para restabelecer a paz entre todos se faz necessário grande negociação, levantam vozes contra a pacificação e o retorno do romanismo. Bonaparte imprimiu sua força e vai ao encontro do papa, procurando apaziguar os enfrentamentos em 1801 foi assinado o tratado. Assim descreve Godechot:

É considerável a importância deste tratado, pois reconcilia a Igreja e a revolução. O papa reconhece a República Francesa, exige a demissão de todos os bispos, refratários ou constitucionais. Prevê a designação de novos prelados, nomeados primeiro cônsul e instituídos por Roma. Confirma a venda dos bens do clero. Em contrapartida, o Estado compromete-se a pagar aos ministros do culto, que deviam prestar juramento de fidelidade. As dioceses deverão adaptar-se às novas divisões administrativas da França. Não se trata do clero regular. A

concordata admite implicitamente a liberdade de culto e a laicidade do estado civil. (1984, p. 101).

Napoleão organizou o Estado e a Igreja Romana, era inteligente da parte do novo regime ampliar relações com as outras religiões na França. Usando o referencial da revolução dos três ramos de uma só raiz, quais sejam: liberdade, igualdade e fraternidade, levando-se em conta o precedente e a iniciativa do novo regime em restabelecer o romanismo a religião oficial. Fortaleceu o novo regime a decidir ampliar sua rede de relações com as demais religiões, daí criar o clima para regulamentar os outros cultos. A declaração afirma:

Bonaparte resolveu regulamentar também os outros cultos. Em 1802, o reformado (ou calvinista) e o luterano foram dotados de um estatuto. Os protestantes agruparam-se em 'Igrejas consistoriais', na razão de uma Igreja para 6000 fieis; os pastores recebiam um salário. O culto israelita só foi organizado em 1808. Napoleão fez um grande esforço para acelerar a assimilação dos judeus. (Godechot, 1984, p. 102).

A pacificação dos Estados europeus aparentemente estabelecidos, e o fortalecimento das instituições sociais contribuíram para o aperfeiçoamento do povo. Nota-se no período o surgimento de movimentos contra o romanismo, em certa medida é razoavelmente forte, em algumas regiões tornam-se poderosos. A perseguição é intensa, acontecem muitas baixas nos seguidores romanos. Nas regiões onde a Igreja romana tem a preferência da população ocorre o inverso se estabelece uma perseguição contra as demais religiões. Os choques entre romanos e protestantes se intensificam em regiões como na Irlanda, Alemanha, França, Inglaterra, Suíça e em outras micros regiões. Na Suíça o próprio Pestalozzi menciona confrontos entre romanismo contra protestantes.

Revitalização da liberdade do homem com ênfase na liberdade religiosa provoca grandes deslocamentos de pessoas. Famílias inteiras migram para outros continentes na esperança de se estabelecer e ter a liberdade de manter sua religião. A partir deste principio surgiu a formação do povo norte-americano.

No contexto de revitalização da liberdade religiosa, se origina o movimento missionário com a meta de proclamar a fé em Jesus Cristo. Fundamentados no Ide de Jesus, as diversas denominações se unem em organismos nacionais e internacionais com a finalidade de se estabelecer em outras regiões do globo para anunciar a Sagrada Escritura.

Antes de entramos no movimento missionário propriamente dito, é necessário mencionar o surgimento do secularismo, movimento muito forte, o qual abrange todas as camadas da sociedade. Investigando profundamente este período:

Podemos assim concluir que a tendência geral, entre 1789 e 1848, foi a de uma acentuada secularização. A ciência viu-se em conflito cada vez mais aberto com as Escrituras, à medida que se aventurava por campos evolucionistas (cf. capítulo XV). Os estudos históricos, aplicados à Bíblia em doses inéditas – em particular a partir da década de 30 pelos professores de Tübingen – dissolveram o único texto inspirado, senão mesmo escrito, pelo Senhor, numa coleção de documentos históricos de diversos períodos, com todos os defeitos da documentação humana. *O novum testamentum* de Lachmann (1842-1852) negava que os evangelhos fossem relatos de testemunhas oculares e lançava dúvida sobre se Jesus pretendia fundar uma nova religião. A controversa *vida de Jesus*, de David Strauss (1835), eliminava o elemento sobrenatural da biografia de Jesus. (Hobsbawm, 2001,p.225).

Certamente onde não havia liberdade de expressão pelos caminhos adequados, a falta de diálogo, domínio cego do dogmatismo e uma censura absolutamente fechada. O estabelecimento constante de tribunais onde não havia o direito de defesa, onde o imperativo a toda ameaça era morte aos contrários do antigo regime. São esses ingredientes inibidores da liberdade integral e de autonomia. Portanto é natural se colocar em dúvida, todo o conjunto sistematizador de todas as brutalidades cometidas pelo antigo regime. Pensado exatamente no contraditório que houve a possibilidade e a liberdade de ser contra os pressupostos firmados anteriormente. Lembrar que havia uma opressão muito profunda, e que era

bastante natural patenteá-la, doravante sabendo que o momento é de amadurecimento e debate no campo da ciência.

O posicionamento secular é em parte uma proposta de buscar o caminho racional, mas também pode levar ao caminho do cético ou na pior das hipóteses conduzem à irracionalidade. Daí o posicionamento do protestantismo em aperfeiçoar a Igreja, no sentido de levar aos outros povos a liberdade e o direito de ser autônomo para poder construir o seu próprio caminho, e ocupar o seu espaço no tecido social. O fundamento da liberdade religiosa abre a possibilidade de compreender que o crescimento populacional fará a Igreja aumentar seu número de membros, contudo impulsiona a Igreja levar a luz do Evangelho aos outros povos. Destarte, organizar e unir as Igrejas em missões nacionais e internacionais foi à maneira encontrada pela Igreja de investir no planejamento, visando atender a sua visão de estar e conviver no mundo. A visão ampliada do mundo muda significativamente a partir da invenção do motor a vapor com o qual movimenta o navio no mar e a locomotiva na terra. A engenharia constrói navios gigantescos para vencer as grandes distancias no mar, entre os continentes, por outro lado, a engenharia e a metalurgia se unem com a meta de fazer vencer a distância na terra utilizando o trem como transporte para deslocar as pessoas entre a cidade e o campo, entre os estados autônomos do novo mundo. Emerge deste movimento as comunicações entre os povos através da imprensa. Após essa preparação nas trocas seculares e nos negócios, seguindo a rota de expansão das idéias nas populações surgiram duas religiões o protestantismo e o islamismo.

As outras religiões também viveram um grande período de crescimento dentro da população, porém o fulcro proposto é expressar a expansão missionária

protestante reformada. Na verdade refletindo sobre esse período Hobsbawm escreve:

Na realidade, as décadas revolucionárias e napoleônicas assistiram ao início de uma sistemática atividade missionária protestante, praticada sobretudo por Anglo-saxões. A sociedade Missionária Baptista (1792), a sociedade Missionária de Londres, que englobava várias congregações (1795), a sociedade Missionária da Igreja Evangélica (1799), a sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (1804) foram seguidas pelo Conselho Americano de Comissários para as missões Estrangeiras (1810), pelos Baptistas Americanos (1814), pelos Wesleyanos (1813-1818), pela Sociedade Bíblica Americana (1816), pela Igreja da Escócia (1824), pelos os Presbiterianos Unidos (1835), pelos Episcopais Metodistas Americanos (1819) e outros. Os protestantes europeus, não obstante o trabalho pioneiro da Sociedade Missionária Holandesa (1797) e dos Missionários de Basileia (1815), só mais tarde desenvolveu atividade missionária: as sociedades de Berlim e da Renânia na década de 20, a sociedade Sueca, de Leipzig e de Bremen na década seguinte, a norueguesa em (1842). (Hobsbawm, 2001, p.2260).

O avanço missionário com duas exceções os Presbiterianos Unidos e a sociedade norueguesa participaram do esforço missionário, no período em que Pestalozzi implantava seu método de educação cristã na Suíça. As considerações finais referindo-se ao período de Pestalozzi quanto ao desenvolvimento religioso são de progresso. Mas, sobretudo no aperfeiçoamento das Igrejas mantenedoras de missionários nos mais diversos campos de trabalho. Todo esse esforço missionário amadureceu, alterou profundamente a visão de mundo da Igreja. Estudar o desenvolvimento da Igreja impulsiona ao reconhecimento do investimento educacional em todo sistema que nutre as Sociedades Missionárias.

Mas a religião de Pestalozzi, era uma forma de pietismo cristão que deu ênfase a fraternidade do homem e a paternidade de Deus. Embora Pestalozzi não fosse conhecido como um pedagogo religioso, os escritos dele contêm referências a valores religiosos e educação religiosa. A consideração de Pestalozzi ao desenvolvimento religioso da criança, faz de Pestalozzi um precursor da educação religiosa moderna, como faz a tensão dele nas emoções de homem e sua capacidade pelo amor em lugar de tons teológicos. A "religião dele é do coração", com seus temas penetrantes de amor e interesse. (Gutek, 1975, p. 275).

Segundo Gutek um estudioso americano de Pestalozzi, em certa medida, pode-se atribuir a Pestalozzi o início da pedagogia moderna. Ponderando-se nesta linha de raciocínio chega-se ao ponto mais importante objeto deste trabalho Pestalozzi; quem a história da pedagogia descreve como o mentor intelectual da inserção do aluno com sujeito do processo e bem como lugar do professor e dos métodos, como sujeito pró-ativo na construção de sua própria formação, mas, sobretudo como sujeito e instrumento, concomitantemente, mediadores desse processo. O convite está feito e a caminhada começa agora.

CAPÍTULO 2

VIDA E OBRAS LITERÁRIAS DE PESTALOZZI

A vida de Johann Heiririch Pestalozzi, foi assim: nasceu em Zurique, na Suíça, em 1746, Os pais dele eram Johann Baptiste Pestalozzi, médico e cirurgião, e Susanna Hotz. Com a morte do pai dele em 1751, a família de Pestalozzi foi forçada a se manter em um mais baixo nível econômico, A menina se chamava Bárbara Pestalozzi e o menino se chamava João Batista Pestalozzi, teve a contribuição de uma governanta Magd Barbara Schmid, chamada carinhosamente por “Babeli”. Deve-se levar em consideração o fato da morte do pai de Pestalozzi, nesta ocasião ele tinha apenas cinco anos, naquela época não havia uma valorização remunerativa em relação ao médico. A complexidade da vida em Zurique, em 1805, o próprio Pestalozzi descreve na carta de Stanz, ao se pronunciar:

(...) Pense, porém, amigo, na minha situação, no moral do povo e das crianças e sinta que dificuldades eu tinha que superar. ... Aquela infeliz região tinha experimentado, a ferro e fogo, todo o horror da guerra. O povo, em sua maioria, detestava a nova constituição. Estavam encarniçados contra o governo e consideravam suspeita qualquer ajuda de sua parte. De caráter naturalmente melancólico, hostis a qualquer coisa desconhecida e inovadora, apegavam-se com irritada e desconfiada teimosa a todo o seu antigo modo de existência, por misero que fosse. ... E eu estava lá, no meio deles, como criatura nova e odiada ordem vigente. É verdade, não como seu instrumento. Mas, ainda assim, como um recurso lançado por homens que, por um lado, o povo associava à sua desgraça e, por outro, não poderiam satisfazer tantas opiniões, desejos e preconceitos entrecruzados. Essa desavença política ainda era acentuada por uma forte desavença religiosa. Viam-me como um herege que, mesmo fazendo algum bem às Crianças poria em perigo a salvação de suas almas. Aquela gente nunca havia visto um **protestante** {grifo meu} num serviço público, ainda menos como educador e professor de suas crianças, morando e atuando em seu meio. E o movimento favorecia as desconfianças religiosas, ligadas intimamente à excitação política, ao medo e, em parte à hipocrisia, que então, mais do que nunca, estava na ordem do dia em Stans (Incontri, 1997apud Pestalozzi, p.147).

Neste texto Pestalozzi nos esclarece como era a vida na sua época, podemos afirmar com base nele que havia conturbação em todos os setores da sociedade, aprofundada pela guerra no inicio interna, mais posteriormente adicionada pelas tropas francesas, levando ao caos social. Certamente esses conflitos foram

agravados pelos conflitos religiosos entre protestantes e católicos romanos. Daí a insegurança em todos os sentidos visto que a pobreza tomou conta do estado geral do povo. Vale observar que Pestalozzi no mesmo texto se qualifica como protestante, sabemos que hoje a varias vertentes do protestantismo o nosso conceito condiz com a afirmação de Costa ao emitir seu parecer diz:

O nome *protestantismo* aplicado à Reforma surgiria alguns anos depois, tendo sua origem na segunda *Dieta de Spira* (1529), quando, cristãos imbuídos do mesmo espírito de Lutero, declaram o seu protesto, reafirmando o seu apego à Bíblia e a necessidade de pregá-la contínua e exclusivamente. À pergunta, 'qual é a igreja verdadeira e santa?', respondem: 'Não há nenhuma pregação ou doutrina segura senão aquela que permanece fiel à Palavra Deus. Segundo o mandamento divino, nenhuma outra doutrina ser pregada. Todo textos das santas e divinas Escrituras devem ser elucidados e explicados por outros textos. Esse Livro Santo é necessário, em todas as coisas, para o cristão; brilha claramente na sua própria luz e é visto iluminando as trevas. Estamos resolutos, pela graça de Deus, no santo Evangelho contido nos livros bíblicos do Antigo e do Novo Testamento. Somente essa Palavra deve ser pregada, e nada que seja contrário a ela. É a única verdade. É o juiz certo de toda doutrina e conduta cristã. Não pode nos enganar nem lograr. (apud D. F. Wrigth, 2004, p. 73).

Seria natural pensarmos de sua origem protestante vinda da reforma promovida pela influência de Genebra, partindo do pressuposto de que ele era herdeiro da reforma de seu país. Tendo ainda como possibilidade a influência de Calvino na elaboração da Confissão Helvética e, sendo ele um praticante fervoroso e de uma concepção profunda da imagem de Deus no homem. Existe uma segunda possibilidade ter conhecido Calvino pela leitura de seus textos, dentro do ponto de seu fácil acesso a França e dominar bem a língua francesa, já que sua cidade falava duas línguas: o francês e o alemão. Sustento esse argumento fundamentado na afirmação de Nichols ao relatar:

Pelo que fez em Genebra e por outros aspectos da sua obra, Calvino inspirou o protestantismo em toda parte e exerceu poderosa influência para o seu desenvolvimento. Um segundo aspecto do seu trabalho foi o do contacto pessoal com os líderes protestantes de muitos lugares, mantido principalmente por meio da sua enorme correspondência. Ele era a cabeça dirigente da Reforma na França, embora lá não estivesse ido havia vinte sete anos. Realizou trabalho semelhante em outros

países. A terceira faceta do seu trabalho foram os seus livros, especialmente o 'Institutos livro que teve grande circulação. Foi assim que as idéias de Calvino predominaram nos movimentos da Reforma na França, Holanda, Escócia e em muitas partes da Alemanha, como também na Inglaterra. Quando pensamos de quanto o mundo deve aos protestantes desses países, somos levados a pensar também no que devemos a João Calvino. (1985, p. 166-167).

Porém pode haver uma terceira possibilidade por herança da parte do seu avô André Pestalozzi, uma vez que Cambi nos afirma: "Nascido em Zurique, filho de um pastor protestante de origem italiana, [...]" (1999, p. 417). A nossa investigação busca na sua origem familiar a conexão de sua fé reformada, desta feita nosso caminho será pela importância de Calvino na construção de confissões das Igrejas Reformadas. Nesse campo há um fato muito curioso a respeito do reconhecimento da Igreja Valdense como reformada isso só ocorre no ano de 1655. Entendendo o real significado deste possível esclarecimento, observe a síntese explicativa, elaborada por Costa, conforme diz:

A confissão Gaulesa, que não é muito conhecida e divulgada em nosso meio, exerceu grande influência doutrinária sobre outras confissões Reformadas. Ela foi escrita por Calvino(1509-1564) e seu discípulo Antoine de la Roche Chandieu (De Chandieu) (1534-1591), provavelmente com a ajuda de T. Beza (1519-1605) e Pierre Viret (1511-1571). Inicialmente tinha 35 capítulos. No Sínodo de Paris (26-28/05/1559), que congregou representantes de mais de 60 Igrejas, das mais de 100 que existiam na França – reunindo secretamente – tendo como moderador François de Morel, esta confissão foi revista e ampliada em mais de cinco capítulos (Cf. P. Schaff, **The Creeds of Chistendom**, 6ª ed.,(Revised Enlarged), Grand Rapids. Michigan, Baker Book House vol.I, p. 494;III, p. 356; E. E. Cairns, **O cristianismo Através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã**, São Paulo, Vida Nova, 1984,p. 257; W. Walker, **História da Igreja Cristã**, São Paulo, ASTE, 1967, Vol. II, p. 111; K. S. Latourette, **História Del Cristianismo**, 4ª ed. Buenos Aires, Casa Bautista Publicaciones, 1978, vol. II, p.117; W. Stanford Reid, **Caalvino e sua Influência no mundo ocidental**, 1ª ed. SP, CEP, 1990, Pierre Courthial, A idade de ouro do Calvinismo na França:(1533-1633): In: **CSIMO**, P. 93), tendo um prefácio dedicado ao rei Francisco II(1560) e, posteriormente, também foi apresentado por Beza a Carlos IX (1561) (Cf. P. Schaff, **COC**, I, p. 494-495; **COC**, III, p. 356; N. V. Hope, confissão Gauleza: In: **Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, São Paulo, Vida Nova, 1990, v. I, p. 332). Calcula-se que, à época, a França já possuía 400 mil protestantess (W. Walker, **op.cit.**, II, p.111), ou um sexto da população (Cf. E. E. Cairns, **op. Cit.**, p. 257), existindo, em fins de 1561, mais de 670 Igrejas Calvinistas erigidas em território Francês

(Cf. Jean Deloumeau, op. cit., p. 149-150). Em 1571, tendo como mediador T. Beza(1519-1605), realizou-se o sétimo Sínodo nacional de La Rochelle. À ocasião estavam presentes a Rainha de Navarra, seu filho Henrique IV (1553-1610) e o Almirante Coligny (1519-1572), que viria a ser morto durante 'o massacre de São Batolomeu', (23-24/081572). (vd. W.S. Raeid, Coligny. In: **ww**, p. 170; G. Bromiley, Beza: In: **ww**, p. 83; P. Schaff, COC, I, P. 495; Pierre Couthial, A Idade de Ouro do Calvinismo na França, (1533-1633): In: **CSIMO**, P.97). Neste Sínodo a Confissão foi revisada, reafirmada e solenemente sancionada por Henrique IV, passando, desde então, a ser também chamada de 'Confissão de la Rochelle', (vd. N. V. Hope, Confissão Gaulesa: In: **EHTIC**, I, p. 332; P. Schaff, **COC**, III, p. 356). A Confissão Gaulesa influenciou profundamente a Confissão Belga (1561) e a Confissão dos Valdenses (1655). (Costa, 1998, p. 84-85, grifo do autor).

A necessidade deste histórico primoroso tem o objetivo de vincular à presença fundante de Calvino na confissão dos Valdenses, a qual no meu entender é a sustentação da profunda relação de Pestalozzi com Deus. Então Costa propõe:

A Confissão dos Valdenses é, em parte, um resumo da **confissão dos Gaulesa** (P. Schaff, **COC**, III, p. 757. vd. Um quadro comparativo das duas feito por Alberto Revel; In: **Catecismos da la Iglesia Reformada**, Buenos Aires, Editorial 'La Aurora', 1962, p. 195) (doravante citado com **CIR**). Ela foi composta por Jean Leger (1615-?) e possivelmente sistematizada pelo seu tio Antoine Leger, professor da Academia de Calvino em Genebra. Foi publicada num período de forte perseguição religiosa na Itália, quando os Valdenses foram caluniados, martirizados, esbulhados, exilados, etc. A edição Italiana da confissão intitulava-se : Confissão de fé das Igrejas Reformadas, Católicas e Apostólicas de Piemonte, confirmada pelo testemunho explícito da Sagrada Escritura.

O texto Francês diz: 'Breve Confissão de Fé das Igrejas Reformadas de Piemonte' e, embaixo, acrescenta: 'Publicada em seu manifesto à ocasião do horrendo massacre do ano de 1655'. Ao que parece, esta confissão só viria a ser aprovada oficialmente no século XIX. (vd. J Alberto Soggin em texto introdutório à Confissão de Fé da Igreja Evangélica de Valdense: In: **CIR**, p. 189-196; P. Schaff, **COC**, III, P. 757). (Costa, 1998, 88).

Note a fundamentação tem um fio condutor que é o exílio dos italianos fugindo das perseguições romanas, o que provavelmente foi o que aconteceu, sobretudo quando associamos e entrecruzamos os dados com a generosidade da Suíça em acolher os perseguidos pelo romanismo da época ou até de antes. Assim, Eby (1874 – 1968) ao considerar a condição de vida de Pestalozzi, afirma:

Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em Zurique, na Suíça, em 1746, filho de um médico. Seu pai morreu quando Heinrich tinha apenas cinco anos, deixando a dedicada mãe com uma fortuna insignificante e três crianças, uma menina e dois meninos. Pestalozzi assim descreveu sua educação familiar: Minha mãe dedicou-se à educação de seus três filhos com a mais completa abnegação, renunciando a tudo o que lhe pudesse dar prazer. Neste nobre sacrifício, foi ela auxiliada por uma jovem criada pobre que eu jamais poderei esquecer. Em seu leito de morte, agoniado com o pensamento de quais seriam as conseqüências de sua morte para sua família, que ele [o pai] deixava quase sem vintém, chamou-a e disse: 'Babeli, por amor de Deus e todas as suas misericórdias, não abandone minha mulher!' Seu coração nobre e simples foi atingido e sua alma aceitou o sacrifício. 'Se morrerdes', disse ela, 'não abandonarei vossa esposa, mas ficarei com ela, se necessário for, até a morte' (1976, p.374-375).

Há um problema quanto à filiação de Pestalozzi, pois como vimos acima Eby afirma que ele é filho de um médico. Por outro lado, Cambi no seu livro afirma que Pestalozzi é filho de um pastor protestante: "Nascido em Zurique, filho de um pastor protestante de origem italiana, estudou na cidade natal e participou do movimento pela independência Suíça". (1999, 417). Ponderando um pouco mais sobre a infância de Pestalozzi constatamos a importante influência de seu avô, de nome André Pestalozzi, pastor protestante, pastor na cidade de Hoengg. Então Eby, afirma: "Uma influência mais poderosa veio da experiência com seu avô, André Pestalozzi, que era pastor de Heongg, uma pequena aldeia a três milhas de Zurique". (1976, 376). Assim entendemos que Pestalozzi é um herdeiro do protestantismo fugido da perseguição na Itália se levar em conta a influência do calvinismo na França e sua ligação no eixo Suíça e Itália.

Quando observamos a descrição que os estudiosos fazem da infância de Pestalozzi, chegamos a nos identificar com suas dificuldades, tais como: política social, política econômica, religiosidade e a moral do povo em geral. Como relata Eby ao afirmar: "A economia rigorosa do lar e a influência dominante da mãe e da avó deram a seu caráter a feição peculiar que conservou durante toda a vida.

Afetuosos, emotivos, sensíveis e generosos por natureza, as características femininas eram muito mais fortes que as masculinas na personalidade de Pestalozzi” (1976, p. 375). Vale dizer que a força para enfrentar os desafios surge normalmente da experiência vivida na infância e, todo o aprendizado recebido em família e da presença dos pais mostrando o caminho a seguir. Dessa maneira vemos essa conexão bem nítida em Pestalozzi e a presença importante de sua mãe Susanna na sua vida. Como pronuncia Eby: “No entanto, foi à influência de sua vida familiar que deu a natureza o caráter altruísta, fonte de todas suas lutas, fracassos, tristezas e, da mesma forma, de seu sucesso imorredouro”. “Como disse Niederer, seu amigo e auxiliar: “Em Pestalozzi havia tanto da mulher quanto do homem” (Eby, 1976, p.375)”. Notamos que apesar da ausência paterna Pestalozzi aprendeu a progredir na sua meta de vida, ponderando sobre o exposto bem podemos concluir que a mãe de Pestalozzi o leva a entender a Paternidade de Deus na sua vida.

A passagem pela escola trouxe marcas importantes

Notamos que Pestalozzi tinha uma personalidade muito forte, uma vez que não se deixa abalar pelas brincadeiras das outras crianças, em certa medida mantinha seu ar de austeridade. Eby (1874-1968) tem outro ponto de vista quanto à escola e sua influência no caráter de Pestalozzi, quando afirma:

A escola deixou de corrigir a influência unilateral do lar, infelizmente acentuou ainda mais o caráter que estava em formação. Em suas relações com outros alunos, não desenvolveu capacidade de auto-afirmação, discernimento de caráter, nem habilidade de compreender condições da vida e a distinguir suas próprias noções impraticáveis do mundo da fria realidade. Descreveu como ele era constantemente a diversão de seus colegas: ‘Desde minha infância tenho sido o brinquedo de todos. No dia do terremoto em Zueique [19 de dezembro de 1755], quando mestres e alunos correram aos trambolhões escada abaixo, e ninguém se aventurou a voltar à sala de aulas, fui eu quem voltou para apanhar os bonés e livros. Mas, apesar de tudo isso, não

havia intimidade entre mim e meus companheiros (...) E, assim, eu não podia levar a mal que me apelidassem Heinrich o esquisito da Terra dos Tolos. (Eby, 1976, p. 375).

Pestalozzi tinha um caráter formado pela influência de sua mãe, porém quanto a sua personalidade era firmada no ensino do protestantismo, deste fragmento retiramos sua coragem e seu ar de proteção de sua personalidade. Mas, freqüentou normalmente sem demonstrar fragilidade emocional a escola comum, posteriormente freqüentou a escola de latina.

A presença marcante do avô na vida de Pestalozzi

Este encontro acontecia quando Pestalozzi estava de férias, acompanhando seu avô pastor André Pestalozzi, em suas visitas às pessoas doentes, aos pobres e as escolas de sua Igreja, na cidade de Hoengg, próxima a Zurique. Falando sobre esta experiência Eby, expressa:

Desde os nove anos de idade, Pestalozzi passava uma parte de suas férias de verão ali. Isso lhe proporcionou estreito contato com a natureza e uma alegria que não pode desfrutar em nenhum outro lugar. Hermann Krüsi Jr., filho do primeiro colaborador de Pestalozzi em Burgdorf, diz, a respeito dessas experiências: Nessa aldeia, onde vários moinhos estavam em funcionamento, eles observou, pela primeira vez, o contraste entre a extrema riqueza e a pobreza abjeta. Via as crianças da aldeia brincando diante do edifício da escola, com olhos brilhantes de prazer e inocência, contentes e felizes mesmo em seus andrajos; mas, quando as comparava com as de mais idade, vítimas de excesso de trabalho e múltiplos vícios, com faces encurvadas e olhos pisados e com aparência de miséria constante em seus rostos, seu espírito jovem se exaltava contra o egoísmo de riqueza construída sobre tais ruínas de saúde e felicidade. (Eby, 1976, p. 376).

É importante destacar que a continuação de sua vida revela o eco internalizado deste momento no seu ser na convivência com o avô e sociedade na miséria e outros com tantas posses.

A experiência de Pestalozzi no colégio

No curso superior em Zurique havia duas etapas de formação: a primeira constituída do Collegium Humanitatis; este curso com duração de dois anos, seu conteúdo era voltado para artes; a segunda constituída do Collegium Carolinum; este curso enfatizava a profissionalização, seu conteúdo era voltado para a Teologia. Pestalozzi cursou integralmente as duas fases. Segundo o pensamento de Eby, a respeito da escola superior em Zurique e a presença de Pestalozzi, descreve:

A escola superior em Zurique consistia de duas partes: o *Collegium Humanitatis*, que dava um curso de dois anos sobre artes, e o *collegium Carolinum*, que dava cursos profissionais realçando a Teologia. Pestalozzi freqüentou ambas as instituições e entrou em contato com as numerosas correntes sociais e políticas de sua época. (Eby, 1976, p.376).

Quanto à influência dos mestres nos jovens estudantes de Zurique é percebida fortemente tanto que os jovens se engajam no movimento revolucionário de seu tempo, sobretudo no sentido de fundar uma organização com o fim de promover uma profunda reforma democrática na Suíça. Cabanas, reportando-se ao período de Pestalozzi comenta:

O mesmo estava animado com espírito revolucionário, entrando em contato com a loja masónica e fundando a Sociedade Helvética, que se proponha a reforma democrática de seu país e uma renovação moral e cívica do povo a través da educação; logo foi encarcelado, cotudo a convenção francesa lhe otorgava o título de cidadão da França. (1996. p. X).

Ainda sobre este momento vivido por Pestalozzi a professora Palmer, observa:

Influenciado pelo historiador e crítico literário Johann Jacob Bodmer, a discussão republicana na cidade natal de Pestalozzi, Zurique, tornou-se radical e criou um movimento reformista em que se integrou politicamente durante a década de 1760. O ideal que os jovens republicanos defendiam era uma república paternalista, honrada e aristocrática, em que a educação estaria integrada ao espírito político. O envolvimento de Pestalozzi com a política, e o fato de sua família não pertencer a alta classe (seu pai morreu quando tinha cinco anos),

impossibilitou-lhe seguir a carreira tanto de clérigo quanto de político. (p. 84-85).

Eby, ao falar da influência dos professores na vida dos jovens estudantes de Zurique, incluindo Pestalozzi, destaca dois professores, quais sejam:

J.J. Breitinger, professor de Grego e Hebraico; J.J. Bodmer, professor de história e política. O último tornou Zurique o maior reduto de personalidades literárias do mundo germânico. Seus ensinamentos se relacionavam com a história da Suíça e inspiravam nos estudantes um amor apaixonado pela justiça e pela liberdade. Roger De Guimps nos dá uma imagem vívida da influência desses professores: Tamanha foi à influência desses professores sobre seus alunos que os últimos vieram a desprezar riqueza, luxo e conforto material e não se preocupavam com coisa alguma além dos prazeres da mente e do espírito e da busca incessante da justiça e da verdade. Por muito tempo, Pestalozzi e seus amigos dormiam no chão puro, sem outro abrigo além de suas roupas e nada comiam além de pão e legumes. J. A Green relata que o jovem Pestalozzi ‘fustigava-se até sangrar para que pudesse se tornar apto a suportar a dor de qualquer castigo que seu ardor lhe pudesse acarretar’. (1976, p. 376-377).

A construção de sua personalidade tem sua raiz profunda no ensino protestante vigoroso, que de tal maneira o impulsiona a lembrança de sua infância de pouco recurso. Certamente sua busca pela verdade e justiça multiplica ainda mais sua indignação de ver o povo na miséria total. Ao considerar a tendência do pensamento do seu tempo, a força da guerra, da angústia e sua compreensão de si mesmo poderia levá-lo a autopunição. Mas, certamente lhe trouxe uma coragem de lutar pela democracia e o ideal de liberdade com a qual planejaria o seu próprio caminho rumo a autonomia global.

Na continuação de sua experiência no colégio há uma desconfiança sobre o pouco preparo de Pestalozzi. Talvez essa dúvida tenha provocado a afirmação de Cabanas ao escrever: "Havia empenhado estudos universitários, que no concluiu" (1996, p. X). Essa idéia não tem razão de ser posto que a professora Palmer nos diz: [...] o fato de não pertencer à alta classe, impossibilitou-lhe seguir a carreira tanto de clérigo quanto de político" (Palmer, 2005, p.85). Ainda sobre este assunto Cambi declarar: " [...] estudou na terra natal e participou do movimento pela independência

da Suíça“ (Cambi,1999, p.417). No pensamento dos autores supra citados não paira nenhuma dúvida quanto à formação de Pestalozzi, ambos fundamentam suas idéias no fato de que Pestalozzi terminou seus estudos. Corroborando ao mesmo princípio Eby relata:”

No colégio, parece, progrediu um pouco e conseguiu dominar diversos setores do pensamento. Em uma ocasião, um de seus professores, que tinha bom conhecimento do Grego, mas pouco domínio do vernáculo, publicou uma tradução de algumas das orações de Demóstenes. O próprio Pestalozzi teve a audácia de traduzir uma dessas orações e apresentá-la como exercício de exame. De Guimps é a autoridade que afirma ter essa tradução sido considerada tão excelente, que o colégio a publicou (1976, p. 377).

Nesta fase podemos dizer que Pestalozzi superou as dificuldades existenciais do seu tempo motivado pelo amor e fé inabalável em Deus.

A experiência de Pestalozzi: Aplicando sua formação

A procura por um espaço na sociedade trouxe muita perda, mas, sobretudo vitória e reconhecimento de sua importância para a educação, pedagogia, política social, organização do trabalho, princípios de atendimento a pessoas com necessidades especiais, princípios de filantropia. O núcleo gerador de sua vida é o protestantismo. O começo de todo o amor a Deus e o amor ao próximo. Sustentados por uma concepção racional de Deus. Assim Incontri, afirma:

Pestalozzi procura argumentos racionais para provar a existência de Deus. Ao contrário, a apreensão de Deus é imediata, na imanência divina em toda natureza e em seu próprio íntimo. Assim ele se exprime: ‘Fé em Deus, sintonia do sentimento humano com a parte mais elevada de sua natureza, confiante sentido filial da humanidade em relação ao sentido paternal da divindade. Fé em Deus está gravada no ser humano, como o sentido do bem e do mal, como o indissolúvel sentimento do justo e do injusto, reside inalteravelmente no íntimo de nossa natureza, como base para toda formação humana’. *‘Entretanto, há nele uma forte vertente cristã, que resguarda o aspecto transcendente da divindade e, mais do que isso, uma relação pessoal entre o homem e Deus, na afetividade tipicamente cristã de filho para Pai e vice-versa’.* (1997, p.38 grifos da autora).

É confortante ponderar neste grifo o fato da adoção, retratada por Paulo na carta aos Gálatas, onde diz: "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!" (Gl 4:4-6).

A conseqüência de sua infância no convívio de seu avô pastor André Pestalozzi o levou a caminhar na direção do pastorado. A professora Palmer observa: "[...] e o fato de sua família não pertencer à alta classe, impossibilitou-lhe seguir a carreira tanto de clérigo quanto de político". Eby tem outro pensamento com relação à profissão, faz a seguinte afirmação:

Comovido, desde a tenra infância, pela inexprimível miséria e incapacidade do povo, Pestalozzi visou, inicialmente, a profissão de pastor como a vocação que oferecia maior número de oportunidades para mitigar a pobreza e o sofrimento. Após ter fracassado em seu sermão de estréia desviou seu interesse para o estudo do Direito e da Política. Imaginava que, tornando-se um estadista, poderia orientar a legislação e realizar um mundo social e político melhor (Eby, 1976, p. 377).

Há evidências do ministério de Pestalozzi apesar de curta duração, ele passou rápido por essa experiência. Mas, continuou a procurar sem esmorecer o seu espaço na sociedade. A sociedade agora mobilizada pelo movimento do romantismo e naturalismo enveredou-se para o lado da agricultura. Nesta ocasião Rousseau proclama a idéia de que no campo encontra-se uma vida mais simples, chamando atenção para agricultura como a maneira de viver mais nobre e feliz de todas as artes. A idéia apresentada era por meio de uma lavoura obter lucro real, logo aconteceu contaminar toda Europa por esse pensamento. É certo considerar o pronto interesse de Pestalozzi na agricultura. A professora Palmer considera: "Mantendo-se fiel à ideologia republicana anticomercial, a exemplo do Emílio de Rousseau (1762), decidiu tornar-se fazendeiro, sonhando com uma vida virtuosa,

longe dos conhecidos vícios e corrupção de uma cidade mercantil como Zurique” (2005, p.85).

Analisando essa experiência de Pestalozzi, Cambi afirma: “Foi influenciado – na fase juvenil – pelo pensamento de Rousseau e por alguns aspectos do movimento romântico (em particular, a exaltação da imaginação)” (1999, p. 417). Discordo do autor supra citado uma vez que Pestalozzi procura a realidade onde transita para estabelecer seu princípio, ou seja, é do real concreto, sua ação ocorre movida pela realidade; sua influência emana de sua experiência com a vida. Ainda quanto a sua influência a professora Palmer nos dá uma pista, quando expressa:

Em 1767 foi para Berna e começou a receber noções modernas de vida na fazenda. Berna era uma república agrícola e os bernenses achavam-se os verdadeiros herdeiros da República Romana. Os reformadores bernenses não eram politicamente tão radicais quanto os habitantes de Zurique e estavam concentrados na melhoria da produção agrícola. É no contexto dos chamados ‘patriotas econômicos’ que Pestalozzi aprendeu primeiro que uma economia florescente pode ser vantajosa para também os camponeses (2005, p. 85).

Ao descrever esta experiência de Pestalozzi, Cabanas vai direto ao ponto quando diz: “Aos vinte e cinco anos comprou uma granja chamada Neuhof, que não sob administrar; a transformou logo em centro educativo para meninos pobres, devendo ser encerrado uns anos depois, em 1779” (1996 p. X). Neste caso abre-se uma lacuna, falta uma explicação razoável no que tange a sua vida na fazenda. Cambi ao comentar a experiência, se expressa: “Em 1767, inicia sua atividade de empresário-educador em Neuhof (nova feitoria), onde se interessa pelos problemas da população agrícola, com iniciativas de educação profissional” (1999, p. 417). Em ambos os casos os autores emitem um pensamento de ineficiência financeira da parte de Pestalozzi. Idéia que também é compartilhada por Eby (1874-1968), que comenta:

Pestalozzi passou um ano com um agricultor prático, Tschiffeli, para preparar-se como fazendeiro. Com luminosas esperanças, tomou dinheiro emprestado e adquiriu 100 acres de terra perto da aldeia de Birr, em Aargau. Ali construiu um lar confortável e estabeleceu-se para cultivar garança e legumes, a fim de vender na cidade de Zurique. Batizou o lugar de Neuhof, e ali, durante trinta anos, participou de um drama de lento desenrolar que o levou a sorver, até o âmago, o cálice da amarga frustração. Consolou-se com o pensamento de que tinha de viver como um mendigo para que pudesse aprender como fazer os mendigos viverem como homens. Pode-se acrescentar que não estava só em seu desamparo, pois quando se estabeleceu em Neuhof desposou uma mulher de grande capacidade e relativa fortuna. Em 1770, nasceu seu primeiro e único filho (1976, 378).

Incontri comentando o tema da falência da granja de Pestalozzi, afirma: "Faltava-lhe capacidade administrativa, e suas idéias, quando postas em prática, sofriam pela sua inabilidade financeira. As plantações foram então à falência e quase todo o dote de sua esposa Anna Schultthess foi perdido" (Incontri, 1997, p.31). Por outro lado verificamos que os autores mencionados acima não observam a informação referente à condição climática, um acidente agrícola, que aconteceu nos anos de 1771-1772, na região onde Pestalozzi tinha a fazenda; tal fenômeno se dá quando se planta uma quantidade, mas, devido as condições climáticas a colheita não produz o suficiente para cobrir o custo do plantio. Assim, esclarece a professora Palmer, quando escreve: "Comprou terras para uma fazenda, mas se viu vítima da desastrosa colheita de 1771-2" (Palmer, 2005, p. 85). Podemos afirmar que em certa medida não havia inabilidade financeira da parte de Pestalozzi. Mas, tudo isso se deu por causa da *desastrosa colheita*.

Pestalozzi constata que a pobreza aumentou substancialmente. Mas percebeu que era um bom momento para lançar seu ideal de preparar o povo por meio da educação para o próprio povo pensar acerca do seu futuro. Retoma sua vida com o pouco de confiança que lhe resta, resolve organizar um orfanato, na sua própria casa, sua finalidade é atender as crianças pobres, na educação elementar: ler, escrever, calcular e trabalhar. No núcleo da crise Pestalozzi percebe a

necessidade do povo e, procura fomentar uma maneira de contribuir para o desenvolvimento do povo e sua ferramenta é a educação. Neste firme propósito mesmo assim o orfanato não acontece. Eby observa:

Por volta de 1775, a experiência de NeuhoF havia fracassado lamentavelmente e Pestalozzi perdeu tudo, exceto a casa. Presa de um novo entusiasmo transformou, então, sua casa em um orfanato e esse ideal, acima de tudo, tornou-se, por toda vida, o ídolo de seus sentimentos. 'Tem-se afirmado', assinala seu biógrafo De Guimps", que se isso não tivesse sido uma ação de uma insensatez tão monstruosa, teria sido um exemplo do mais sublime auto-sacrifício". Após vários anos febris esse sonho se desfez e Pestalozzi ficou, mais uma vez, completamente derrotado e exausto" (1976, p. 378).

Vale dizer que em certa medida Pestalozzi, nos remete a uma confiança permanente em Deus. A professora Palmer, falando do começo da instituição escreve:

Por essa razão, instalou teares no celeiro de sua casa, empregando os pobres das cidades vizinhas para tecer algodão por baixos salários. Em face do aumento da pobreza ao seu redor, decidiu criar uma instituição para crianças pobres em 1774. A idéia era que as crianças iriam se sustentar trabalhando na produção de algodão e Pestalozzi prometeu ministrar os conhecimentos básicos necessários às pessoas pobres. No entanto, a impossibilidade de as crianças conseguirem se manter levou ao colapso da instituição em 1780 (2005, p.85).

A professora Palmer enfatiza o fato de Pestalozzi entender a realidade e compreender a necessidade de formação profissional das pessoas no seu entorno. Veja bem, Pestalozzi agiu no sentido de minorar a miséria humana, promover o aperfeiçoamento por meio da auto-estima e fazer o resgate do ser interior da pessoa humana. A motivação para Pestalozzi se doar ao próximo emana do seu interior. Incontri emite seu parecer:

[...] dessa vez inspirado em suas idéias de redenção do povo pela educação". No meu peito de criança, o coração já batia por isso: o povo é miserável, quero ajudá-lo!" Sua tentativa de NeuhoF foi de reunir crianças pobres, para ensiná-las a ler, escrever calcular, trabalhar e orar". Dentro da perspectiva que lhe orientaria a vida de educador, sua intenção era formar um grande lar, onde as crianças órfãs e mendigas pudessem ter uma formação moral e profissionalizante (1997, p.31).

Nesta experiência concreta na história de Pestalozzi vai se delineando um maior amadurecimento espiritual e profundo conceito de educação. É notável ver que Pestalozzi não se deixou abater pelas dificuldades na carreira. A necessidade de sobreviver o fez dedicar-se a escrever e a refletir sobre a realidade do seu tempo, mas, de modo especial sobre os problemas sociais. Desenvolvendo ainda mais sua fertilidade acadêmica tem um encontro com o jornalista do periódico *Efemérides da Humanidade (Ephemeriden der Menschheit)* importante da sua época Isaak Iselin (1728-1782), A professora Palmer descreve esse momento com estes termos: A luta por uma base comercial para solucionar o problema da pobreza levou Pestalozzi a entrar em contato com o mais importante e editor suíço do século XVIII, o filósofo e filantropo Isaak Iselin defendeu os textos de Pestalozzi e o ajudou em sua primeira novela *Lienhard und Gertrud* (1781), que descreve a reforma de uma cidadezinha corrupta feita por um príncipe virtuoso (2005, p. 85).

O relacionamento de Pestalozzi com Iselin é profundo e verdadeiro, em algumas oportunidades o seu amigo Iselin, tinha recebido influência da escola francesa de fisiocratas e das teóricas das leis naturais dos alemães, era um respeitado crítico de Rousseau, daí suas idéias ter impactado profundamente nas formulações de Pestalozzi. Com a morte de Iselin em 1798, Pestalozzi assume o Jornal no qual difunde suas produções pedagógicas, a pesquisa fundamenta e abre o diálogo; na busca de outros sistemas para compreender sua época.

Em 1792, tem uma conversa amistosa com o filósofo alemão, Fichte, das correspondências com Fichte, elaborou o livro: *Minhas investigações sobre o curso da natureza no desenvolvimento da raça humana*. Sobre o encontro de Pestalozzi com o filósofo Fichte. Pondera Eby, nestes termos: “Os dois homens tornaram-se amigos dedicados, com conseqüências da maior importância. Por sua sugestão,

Pestalozzi escreveu seu livro mais erudito *Minhas investigações sobre o curso da natureza no desenvolvimento da raça humana*” (1976, p. 379 grifo do autor).

O convite do novo governo da Suíça em 1798, foi dirigir o orfanato em Stanz, nessa oportunidade vê seu ideal se tornar realidade. Ocasão para aplicar sua formulação maior amor a Deus e o amor ao próximo, revelado na regra de relacionamento familiar entre pai e filho. Cabanas referindo-se a esta experiência de Pestalozzi diz:

Até que no ano de 1799 o Estado suíço ofereceu-lhe a direção de um instituto de órfãos em Stanz; tanto como o mestre, foi o pai das oitenta crianças entre as idades de cinco a quinze anos que lhe foram encaminhadas, e com elas começou a aplicar os princípios fundamentais de seu sistema. A experiência durou poucos meses, pois o edifício teve que ser transformado em hospital de guerra e Pestalozzi aceitou uma vaga de mestre de escola em Burgdorf, [...] (1996, p. XI).

Cabanas, traz um dado novo, chama nossa atenção à revolução helvética de 1798, o edifício foi requisitado para se tornar um hospital com o fim de atender os feridos das tropas de Napoleão. Poderíamos ser levados a pensar em outro fracasso, mas, os estudos caminham na direção de afirmar que esta experiência, veio a se tornar o embrião da educação primária moderna. Eby, pensando sobre esse momento da vida de Pestalozzi, diz: ”encarregou-se do orfanato em Stanz, o qual nos curtos meses de sua existência se tornou ‘o berço da escola elementar moderna’(1976, p. 379). Ainda sobre o curto período vivido ali por Pestalozzi, a professora Palmer afirma:” Esses sete meses foram decisivos na vida de Pestalozzi e muitos estudiosos afirmam que Stanz deve ser considerada o berço da moderna pedagogia” (Palmer, 2005, p.86). Cambi refletindo sobre a presença histórica de Pestalozzi vai mais longe e, afirma:” Podemos dizer que Pestalozzi, melhor que Rousseau, colhe a pedagogia e a educação em toda sua problematicidade, e também sua centralidade e densidade históricas. E por isso continua a ser um dos grandes mestres da pedagogia contemporânea” (1999, 420). Fundamentado no seu

ideal de regenerar a sociedade por meio da educação e de uma vida espiritual no temor de Deus, Pestalozzi escreve uma carta como resultado deste curto período de vida, manifestando em certa medida o seu idealismo educacional e sua aplicabilidade em qualquer sociedade. Este manifesto foi publicado em 1807.

Em 1800, Pestalozzi inicia seu trabalho educacional no castelo de Burgdorf, continuando seu serviço de pedagogo e educador, motivado internamente pelo amor a Deus e amor ao próximo, apresenta seu método marcado pela intuição e instrução mútua. Cabanas, referindo-se a esta experiência de Pestalozzi, constata: "donde utilizou seu método da "intuição". Ali se fundou logo um colégio e uma escola para a formação de professores, centros nos quais Pestalozzi contou com valiosos e leais colaboradores, elaborando sua teoria pedagógica" (cabanas, 1996, p. XI). Destacamos nesta ponderação a preocupação de Pestalozzi em formar professores. Sua intenção era multiplicar seu método educacional nas regiões mais pobres do seu país já que preocupado com as conseqüências das revoluções: a helvética e a francesa. Certamente a degradação do homem era real, mas, sobretudo nas crianças e adolescentes. A professora Palmer exprime a mesma idéia ao descrever:

No mesmo momento em que esta substituindo a antiga e paternalista ideologia republicana pela despolitizada e maternal idéia do *wohnstube*, o governo helvético, especialmente o Ministro Kantiano da Ciência e Educação Philipp Albert Stapfer, julgava que Pestalozzi seria a pessoa ideal para supervisionar o novo sistema escolar. O 'método' de Pestalozzi era considerado capaz de satisfazer a todas as ambições educativas da jovem nação. O treinamento de professores seria baseado na noção de conhecimento de Pestalozzi, que era moralmente enobrecedor (2005, p. 87).

O tema profundamente necessário é o desenvolvimento de professores, certamente este é o tema prioritário de qualquer setor da vida humana produtiva. Mas, a educação para a vida e o trabalho deve atingir a todos com preferência para as pessoas mais desprovidas de recursos. Ou em outros termos, como era intenção

de Pestalozzi aquele que alcançou a sua autonomia pondere a possibilidade de ajudar a outros alcançarem sua autonomia.

Em 1805, acontece outra mudança no trabalho educacional de Pestalozzi, todavia dessa vez ele permanece 20 anos. Os estudiosos afirmam ser este o tempo mais brilhante de Pestalozzi. Cabanas, descrevendo esse momento da vida de Pestalozzi relata: "en 1805 Pestalozzi se estableció en Yverdon, donde fundo una institución educativa que abarcaba los diversos grados de enseñanza y que pronto adquirió fama europea, acudiendo alumnos y visitantes de diversos países atraídos por el espíritu renovador de la educación e instrucción que allí se daba. Funcionaba en régimen de internado y con espíritu de familia, aplicándose en toda plenitud los métodos pestalozzianos" (1996, XI).

É bem verdade se nós levamos em conta os grandes centros de desenvolvimento humano (as grandes universidades) atual constata-se que 20 anos pode ser considerado pouco tempo de vida, naquela época. Por outro lado, se consideramos as contingências históricas, teremos a nítida impressão de um tempo razoável. Diante da normalidade da vida humana é um tempo curto. Quando colocamos dentro de um cenário desfavorável a sobrevivência, seremos levados a uma conclusão superficial. Quero despertar sua atenção à realidade de Pestalozzi, descrita por Eby analisando este momento escreve:

As reformas educacionais de Pestalozzi podem ser apreciadas melhor em contraste com as condições escolares existentes as quais eram extremamente más para a educação do povo em geral. A Igreja ainda controlava, em grande escala, as escolas por toda parte e não demonstrava preocupação real pela melhoria delas. A instrução consistia de pouco além do catecismo. A memorização era o único método, e os professores não possuíam habilitações para sua tarefa. As classes privilegiadas encaravam a massa popular como gado e, tendo em vista os horrores da Revolução Francesa, temiam esclarecê-la. Mas ainda, é errôneo pensar-se que o povo, de seu lado, ansiasse por conhecimento. Mergulhados na ignorância e na superstição, suspeitavam profundamente e não confiavam em qualquer esforço filantrópico para melhorar seu destino. Mais de um esforço nobre por

sua educação foi frustrado por inércia ou obstinada oposição. [...] Condições semelhantes eram encontradas na maioria dos países europeus. Os professores” eram, geralmente, escolhidos por outras razões, que não a capacidade de Instruir. Nenhuma habilitação especial era exigida. Soldados incapacitados eram nomeados por Frederico, o Grande. Alfaiates, taberneiros, pedreiros e outros artesãos eram empregados com freqüência. Às vezes, a escolha era determinada pela posse de uma sala onde as crianças pudessem se reunir. [...] O trecho seguinte fornece um quadro das condições existentes, quando o pastor Stouber visitou a escola:[...] Ele foi levado a uma cabana miserável, onde um certo número de crianças estava amontoado sem qualquer ocupação, e num estado tão irrequieto e barulhento que conseguiu obter, com dificuldades, uma resposta a suas perguntas a respeito do mestre. “lá está ele,” disse um deles, apontando para um velho decrépito que estava na cama, a um canto da sala. “Sois vós o mestre-escola, meu bom amigo?”, indagou Souber. “Sim, Senhor”. “E o que ensinai às crianças?” “Nada, Senhor”. Então, por que o fizeram professor?” “Ora, Senhor, durante muitos anos tomei conta dos porcos da aldeia, e quando fiquei muito velho e fraco para isso, mandaram-me para cá tomar conta das crianças. (1976, p. 382).

A nossa compreensão muda com esse esclarecimento entende-se até que ficamos perplexos, com tal complexidade da escola e do educador. Prosseguindo com minha argumentação sobre Pestalozzi e sua experiência concreta em Yverdun, com o fim de manifestar uma visão mais integral possível e qualificar adequadamente como era a vida do aluno no dia-a-dia, a distribuição do conteúdo e a tarefa diária do professor no instituto. Recorro ao quadro descrito pelo estudioso Eby (1874-1968) onde registra:

No seu apogeu, registrou cerca de 150 a 200 alunos, abrangendo dos 6 ou 7 anos de idade até os 18. A maioria era de suíços, mas muitas nacionalidades estavam representadas – franceses, alemães, italianos, poloneses e outros. As línguas predominantes eram o Francês e o alemão. [...] Pestalozzi, sua mulher e os professores solteiros residiam no instituto e o dirigiam como uma família bem organizada. As longas salas localizadas no andar superior do velho castelo faziam as vezes de dormitórios para os meninos. [...] Pestalozzi jamais vacilou quanto à convicção de que o lar é a instituição educacional ideal, o meio mais eficaz para a experiência social, o alicerce de toda a vida moral, política e religiosa. “Nossa engrenagem educacional”, declarava, “só tem valor enquanto se aproxima da natureza de uma casa bem organizada em todos os seus pormenores”. Um camponês que veio à instituição de Pestalozzi para visitar seu filho, surpreendido: “Oh! Isto não é uma escola, mas uma família!” Encantado, Pestalozzi replicou: “Este é o maior elogio que vós me poderíeis fazer. Eu consegui, graças a Deus, mostrar ao mundo que não deve haver um abismo entre o lar e a escola”. [...] O programa

diário mostra como a vida dos meninos era dirigida de forma Integral. Os mestres dormiam nos mesmos quartos que eles. Meia hora era concedida para o vestir. Das seis às sete horas, realizavam-se as orações matinais e as primeiras lições. Depois, seguiam-se o banho e o desjejum. Das 8 às 10 continuavam as lições, sendo uma hora dedicada a cada aula. Uma merenda era feita no intervalo de cinco ou sete minutos entre as horas de aula. De 10 às 12 horas seguiam-se outras lições. De 12 horas às 13h30 minutos os alunos almoçavam; depois recomeçavam as aulas até às 16h30 min ou 17horas. Era concedido, novamente, um curto período de recreio e seguiam-se aulas até às 20h às 21:00 diziam-se orações da noite e, então, os meninos iam para cama. Ver-se-á que o dia era ocupado completamente. Um período de muito maior do que o usual nas escolas de hoje era dedicado ao trabalho de classe; entre nove e dez horas diárias eram estas em exercícios em classe. [...] Cuidava-se de evitar que as crianças fossem sobrecarregadas de trabalho. As matérias mais difíceis, como aritmética, vinham pela manhã, quando a mente estava mais fresca e as mais leves: Música, Desenho, Esgrima e trabalho Manual, à tarde. Aulas particulares especiais sobre línguas e outras matérias deveriam se realizar nessa ocasião. A recreação desempenhava um importante papel na vida escolar. As tardes de quarta-feira e sábado eram livres e, freqüentemente, eram aproveitadas numa excursão a algum lugar rívida. A vida do lugar era bastante informal, simples e variada. Às vezes, Pestalozzi ficava tão interessado nos jogos após o desjejum, que permitia sua continuação até às 10h00min. A natação no rio que corria junto ao castelo era uma atividade comum no verão. [...] A organização da escola era muito simples. Os meninos abaixo de oito anos eram agrupados numa classe primária. Acima desta estava à escola propriamente dita, consistindo em dois grupos: a classe inferior de meninos, de 8 a 11 anos de idade, e a classe superior, de 11 a 18 anos. O currículo e o tempo dedicado a cada matéria semanalmente eram os seguintes:

CLASSE INFERIOR		CLASSE SUPERIOR	
<i>Matéria</i>	<i>Horas</i>	<i>Matéria</i>	<i>Horas</i>
Estudo da Natureza.....	2	História Natural.....	2
Descrição de Produtos de arte.....	2	Tecnologia.....	2
Geografia	2	Aritmética.....	6
Conhecimento do campo (passeio)...	2	Geometria e Desenho.....	4
Aritmética (Mental).....	6	Linguagem	4
Desenho.....	4	Canto.....	3
Leitura e Linguagem.....	6	Religião	9
Canto	3		
Religião.....	6		

Certamente trabalhar em uma escola neste padrão, com possibilidade para desenvolver competências e habilidades, causa muito boa impressão uma vez que era uma época tão desagregadora e sem humanidade, mas, havia um lugar onde Deus era reconhecido, onde havia lição de humanidade. Com toda manifestação de

dignidade, percebemos que não havia lugar para a menina. Faz-se necessária levar em conta o fator cultural. Esse é um tema para outra ocasião.

Neste contexto é oportuno perguntar, de onde vem tamanha resiliência na pessoa de Pestalozzi? De seu reconhecimento e temor de Deus e do seu amor ao próximo. De sua verdadeira e real práxis protestante. De sua gratidão ancorada na vida e obra do Senhor Jesus Cristo. No compromisso real com o Deus providente. Destarte a resiliência é absorvida por meio da experiência concreta, mais suportada por uma convicção fundamental na providência de Deus, explicitada pela Palavra de Deus. Na observância de homens usados por Deus como: Paulo, Lutero, Calvino, T. Beza... Para manifestar o poder do governo e justiça entre os homens debaixo da soberana de Deus. Como fez Pestalozzi a despeito de toda dificuldade caminhou corajosamente alimentado por meio do saber perceptivo e sua intuição na educação com o fim de conquistar e promover entre os homens a autonomia. Destaca-se na seqüência as obras escritas por Pestalozzi, como segue:

Las Veladas de um Ermitão – Tradução castelhana de Lorenzo Luzurriaga

Daniel Jorro, Editor, Madrid, 1911.

Leonard et Gertrude – Editions de la Baconnière – Neuchatel.

Como Gertrude Enseña sus hijos – tradução espanhola de Lorenzo

Luzurriaga – Madrid 1927.

El Método – Tradução espanhola de Lorenzo Luzurriaga – Madrid – 1927

Las Veladas de um Ermitão – (Antologia) – organizada e traduzida para o espanhol por Lorenzo Luzurriaga – Madri 1921.

Leonardo e Gertrude – trecho da Antologia organizada e traduzida para o

espanhol por Lorenzo Luzurriaga – Madrid, 1931.

Schwanengesang – Rascher Verlag Zürich – 1947.

Minhas investigações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento do gênero humano – Trecho da Antologia organizada e traduzida para o espanhol por Lorenzo Luzurriaga – Madrid, 1931.

El Canto del Cisne – Tradução espanhola de José Mallart – Madrid, 1927.

Pestalozzi – Cartas sobre la Educación Primaria dirigidas a Greaves.

Ediciones de la lectura, Madrid.

CAPÍTULO 3
OS PRESSUPOSTOS PEDAGOGICOS DE PESTALOZZI NAS CARTAS
SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

INTRODUÇÃO
Tradução do texto segundo CABANAS:

O conteúdo pedagógico das cartas sobre educação infantil

Basta recordar o índice do livro para considerar da verdade do que dizíamos, a saber, que se trata de uma obra sistemática como completa na exposição da pedagogia de Pestalozzi. O autor propõe tocar em todos e cada um dos temas, cada um deles aparece tratado de um modo profundo e definido, com exceção dessa idéia da educação que, para Pestalozzi, é o vínculo afetivo entre mãe e filho, e que justifica o título que ao livro lhe tem dado a edição na Alemanha; ele só ocupa toda a primeira metade do livro, com o qual mostra claramente o papel fundamental que compete ao nosso autor, é alguém que se adiantou aos ensinamentos dos psicólogos modernos, assim como em atribuir aos primeiros anos da vida de uma criança grande importância para o tipo de comportamento que a criança desenvolverá posteriormente em sua vida.

Vale destacar a continuação de algumas idéias do presente livro que representam um passo adiante na teoria pedagógica e um aporte positivo que Pestalozzi tem feito a esta teoria, por sua relevância merece ser considerada em alta conta. Um dos destaques é o conceito de 'formação', que, como é sabido, representa uma oposição e uma correção a Rousseau. O pedagogo genebrino, com efeito, havia concebido a formação da criança como um processo de desenvolvimento *sucessivo* das faculdades, posto que surjam na criança primeiro os aspectos sensitivos, mais tarde os intelectuais, posteriormente os sociais, os morais,

os religiosos, etc. Pestalozzi, efetua uma mudança significativa, segundo pensa de um modo muito diverso: entende que o desenvolvimento é um processo *simultâneo* de atitudes, já que “uma criança é um ser dotado com todas as faculdades da natureza humana, se bem que nenhuma delas tem alcançado seu desenvolvimento total”, coisa que se vai conseguindo gradualmente em todas as dimensões de uma vez (Carta III). É por isso que a educação deve ser em cada momento harmônica e completa (e não especializada e unilateral, como queria Rousseau): “há que cultivar de tal modo às faculdades da pessoa que nenhuma delas predomine em prejuízo da outra” (V e XXI).

Porém o distanciamento de Rousseau neste ponto não impede uma notável à afinidade em outras questões, pois Pestalozzi tem nele uma de suas principais fontes de inspiração. Como Rousseau, também nosso pedagogo está preocupado em fundamentar a educação sobre as leis da natureza, crendo que a solução dos problemas pedagógicos ‘pode dar-se unicamente como resultado de averiguar o que é a natureza humana (Cartas XVI e XXI)’. Isto não autoriza com tudo – e como muitos estudiosos têm feito –, ao considerar Pestalozzi como um naturalista. Mas podemos chamá-lo, em resumo, um naturalista *moderado* que, bem coincide com Rousseau em crer que a natureza constitui uma pauta fundamental para a ação educativa, distancia-se redondamente dele quando afirma a necessidade de atuar contra as inclinações instintivas que se manifesta já na criança em sua tenra idade.

Essa postura de Pestalozzi nos revela já sua atitude típica, que procura equilibrar seu pensamento crítico com o afeto e sua realidade. Isto poderia valer ao nosso autor o título de “pedagogo da razão e da experiência” que sem dúvida constitui o segredo de seu êxito, de sua aceitação e de sua influência. É sabido o

difícil resultado de entender e definir os atos educativos, cheios de antinomias* de idéias contrárias que devem coexistir. Daí as teses extremas de certos pedagogos, tal como afirma – sua opinião, entre outros, Herbart e Makarenko – que em educação todos os resultados dependem exclusivamente do método e do educador, ou a tese oposta, defendida por Lombroso, este expressa o processo educativo vem determinado pelas disposições internas e pessoais do educando. Frente às duas concepções, Pestalozzi adapta uma posição conciliadora e equilibrada, pois entende que “a condição previa a obra educadora não reside na atitude dos educadores; está igualmente na disposição da criança” (cartas VIII).

Indicávamos já que, em questão dos fins da educação, é sobre tudo a Kant a quem Pestalozzi deve suas idéias. No presente livro são várias as passagens em que ele exprime uma semelhança com o autor supra citado. A finalidade da educação escreve nosso autor, é “a elevação da pessoa a verdadeira dignidade própria de um ser espiritual” (cartas XVI). A educação converterá o homem em um membro útil à sociedade fazendo-o ‘autônomo’, porém temos que pensar na possível e “autêntica autonomia que é fato e vai estritamente unida ao caráter moral” (cartas XXXII). O fim supremo da educação é, pois, o fim moral.

Falando dos fins da educação escreve também Pestalozzi: “O fim último da educação não está no aperfeiçoamento dos conhecimentos escolares, senão na eficiência para a vida” (cartas XXI). Porém aqui nosso pedagogo está pisando já

* Antinomia (A termo grego? -, contra, mais? μ?, lei) literalmente meios a incompatibilidade mútua, real ou aparente, de duas leis. É um termo usado em lógica e epistemologia.

O termo adquiriu uma significação especial na filosofia de Immanuel Kant que usou isto para descrever os resultados igualmente racionais, mas contraditórios de aplicar para o universo de puro pensamento as categorias ou critérios de razão próprio para o universo de percepção sensata ou experiência (fenômenos). Razão não pode aqui fazer o papel de estabelecer verdades racionais porque vai além da possível experiência e é aplicado à esfera do que transcende a isto. Segundo Kant há quatro antinomias—dois matemáticos, dois dinâmico—conectado com:

A limitação do universo em relação a espaço e tempo;

A teoria que o todo consiste em átomos indivisíveis (considerando que, na realidade, nenhum tal exista); O problema de liberdade em relação à causalidade universal; A existência de um ser necessário. Wikipédia 2004.

noutro terreno. Entende, de acordo com o aforismo clássico, que *non scholae, sed vitae discimus*. Com o qual se apresenta na vanguarda da pedagogia ativa, realista, natural e humana. O princípio do ativismo formulado claramente nas cartas XVIII e XXX: “A primeira regra que deve ater-se à mãe é a de ensinar servindo-se sempre de coisas, mais que das palavras”; convém fazer com que a criança entenda “que não tem meio e modo de adquirir um saber básico sem fazer um esforço de sua parte”; na carta XXXI descreve que o melhor meio pelo qual a criança aprende as coisas é quando ‘descobre’ por si mesma, para a qual “devemos ensinar servindo-nos mais de objetos do que palavras”. É no campo da educação intelectual ou ensino onde esses princípios fazem uma aplicação mais clara. Na carta XXIX Pestalozzi afirma enfaticamente que saber as coisas é entendê-las; de modo a formar uma criança, e é formar-lhe o hábito da reflexão pessoal sobre as coisas, o qual é educar a sua inteligência; e na carta XXVIII arremata contra a memorização, propondo superá-la na base da ‘compreensão’ e da ‘intuição’ das mesmas coisas; essa intuição se fará metódica e exaustivamente de acordo com os três elementos: de número, forma e linguagem (carta XXXI).

A criança tem sempre um interesse espontâneo pela aprendizagem, de modo que “quando as crianças se mostram distraídas e claramente com falta de interesse para o ensino que lhes é dado, o professor deverá sempre se empenhar para buscar em si mesmo à causa deste desinteresse” (carta XXX). Este interesse deve ser incentivado e saber aproveitá-lo e cultivá-lo, para os quais o meio mais adequado não seria o castigo nem outros recursos punitivos. A aprendizagem da língua materna, proposto igualmente por P. Girard, um contemporâneo e compatriota de Pestalozzi, se falava também dentro desta linha de seguir e aproveitar o interesse espontâneo (veja-se a carta XXXI).

E não faremos mais considerações, pois o leitor mesmo, no seu estudo atento das páginas que seguem descobrirá por si a grande quantidade de sugestões pedagógicas tão preciosas, como fecundas e definitivas. Decidimos isto na confiança de que a apresentação desta obra de Pestalozzi saciará em parte com as expectativas, que nestas cartas foi proposto por todos os admiradores e estudiosos de nosso autor.

ENTENDIMENTO SOBRE O MÉTODO DE PESTALOZZI

O nosso propósito é de investigar os conceitos apresentados no livro: “Cartas sobre educação infantil”, com a finalidade de entender as idéias que compõem o método de Pestalozzi. Salientamos que os fundamentos teológicos apresentados por Pestalozzi são orientados pelo princípio do protestantismo reformado; cuja confissão foi revelada por ele na carta de Stans.

Pestalozzi e a Família

A constituição da família é como ele descreve a sua própria, ou seja, O pai, a mãe e os filhos. Firmados sobre o casamento, conforme descrito nas escrituras: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. (Gn 2:24).

O meio encontrado pelo homem e a mulher, para se relacionar, manifesta um princípio fundante que é o amor. O modelo de relacionamento é encontrado na família de onde emana o parâmetro. Assim o homem toma a decisão de sair da sua

família, tendo consciência do seu amadurecimento, por outro lado, a mulher toma a decisão de deixar a sua família tendo consciência que já esta pronta ambos encontram-se fundamentados no amor. E reciprocamente afirmam que irão nutrir com consciência pura, firmando uma aliança. Neste caso com o auxílio de Deus. Perceber nitidamente a complexidade de viver em família é ter consciência de si e do outro com a benção de Deus. Assumir as funções de homem e mulher, desenvolver as potencialidades cuidando da relação. Observando o texto supra citado Groningen ajuda a clarificar:

Deve ser mencionado também que a criação do macho e da fêmea deu ao homem a possibilidade de obedecer ao comando de tornar-se uma só carne (Gn 2:24), no contexto do homem deixar seu pai e sua mãe e se unir a sua esposa. Assim a unidade básica da família foi estabelecida e pôde atuar como um meio reprodutor da vida como Deus havia ordenado que fosse. (2002, p. 86).

A família é a unidade básica da sociedade, é exigência natural de investimento maciço no ser humano em todas as faculdades: do coração, da razão e do corpo. Principalmente no que se refere a sua participação na família e fora dela. Escrevendo sobre o membro e sua qualidade de participação, Linton contribui refletindo:

Essas unidades têm sempre funções específicas em relação tanto a seus membros quanto à sociedade total. A qualidade de membro da unidade acarreta para o indivíduo direitos e obrigações específicos em relação aos outros membros e também uma série de atitudes claramente definidas. A expectativa é que a unidade seja o centro principal dos interesses e lealdade daqueles que a ela pertencem e que tem obrigação de cooperar entre si, auxiliar-se reciprocamente e colocar os interesses de seus membros acima dos interesses de estranhos. A interação das personalidades dentro da família é íntima e contínua; e sua acomodação recíproca deve ser, segundo a expectativa geral, correspondentemente completa. O ideal é que os membros de uma família estejam ligados tanto por laços de afeição quanto de interesse comum; e as disputas entre eles são consideradas mais reprováveis que as disputas entre membros da unidade e estranhos. (1940,137).

A família sintonizada procura aprofundar seus laços de afeto, amadurecendo nas suas diferenças embora saudáveis, unida na meta do bem comum. Expressando

lealdade na justiça e na paz. Construindo uma relação séria real com o meio onde vive respeitando o limite de cada um. Pestalozzi observando sua condição de pertencer a família, entendeu seu crescimento e o empenho realizado da parte de sua mãe, com o fim de desenvolver as potencialidades de todos os seus membros. Idealizou uma unidade básica de educação com a ampliação do conceito de família, onde a proposta seria aperfeiçoar e fortalecer as virtudes do ser humano. Gutek faz uma reflexão sobre esse aspecto: “Ele fundamentou a escola para estar atuando como uma casa, onde os estudantes moram, trabalham, e aprendem junto como uma família. As crianças faziam trabalho agrícola e de habilidade manual e ensinava aritmética, religião, e moralidade”. (1975, p. 238). O pensamento de Pestalozzi é a partir da sua experiência familiar, retirar as linhas de conduta por meio da qual ira aplicar ao conteúdo na escola.

Embora não seja explicitado no currículo mínimo implantado, há um preparo para manutenção da vida, aperfeiçoamento profissional, desenvolvimento da inteligência, edificação espiritual e consciência moral fortalecida pelos princípios de fé reformada. A proposta de Pestalozzi é observar o ser humano de modo global, integrado com as variantes de sua moralidade na sociedade em que transita. Dialogando sobre o assunto Palmer escreve: “Estabelecer o exame naturalmente em quatro pares: de Marido e Esposa, na relação conjugal; de pai e criança, no parental; de irmão e irmã, no fraternal; de Mestre e Educando, na Academia”. (1981, p. 21-22). Organizar a educação a partir da família proporciona segurança, motivação para aprendizagem, sobretudo à estrutura necessária, a propagação da vida em sociedade, garantindo o respeito à vida e a lei. Disseminando o princípio do afeto na família, mas constringendo a sociedade observar equilibradamente esse hábito.

A família nutriu uma atitude obstinada em busca dos melhores hábitos na vida, aumentando a capacidade de aprender e dominar os impulsos indesejáveis. “A natureza de homem que é o mais áspero dos dois, o amor dele precisa ser trazido debaixo do penhor da lei moral, e ser cultivado como um princípio”. (Palmer, 1981, p. 31). Entende-se o natural em Pestalozzi por meio de sua experiência e seu trato em considerar no mesmo espectro a lei natural, homem cultiva o alimento, também deve cultivar a moral, a religião, a arte e a ciência.

Pestalozzi chama atenção para o papel da mãe, uma vez que a mãe tem o instinto natural de amar o filho. Segundo ele, cabe a mãe logo no começo da vida ensinar a criança amar a Deus. Observe a naturalidade do princípio a minha mãe me ama, a criança reage a esse amor e ama a sua mãe. Então a mãe ensina seu filho amar a Deus. Deste relacionamento de amor a mãe ensina o filho amar ao ser humano. Daí emana o sentimento de obediência da criança a Deus, esse sentimento de obediência a Deus, que foi vivenciado pela mãe de Pestalozzi. Em certa medida, foi influenciado pelo hábito de leitura da Bíblia de sua mãe na sua infância, mas fortificado pelas férias passadas na companhia de seu avô André Pestalozzi no seu cuidado com a Igreja.

As próprias palavras de Pestalozzi mostram sua intimidade com Deus: “O Deus de minha cabeça é uma quimera; não conheço outro Deus que aquele do meu coração. E só me sinto homem ao crer no Deus de meu coração”. Lopes (apud Pestalozzi, 1981, p.87). Esse fragmento somado a outros como este registrado na carta de Stans: “Por isso sempre fiz o melhor que pude por fazer claramente entendido os motivos das minhas ações em todas as circunstâncias de modo a despertar sua atenção e interesse. Isto, meu amigo, traz-me à consideração os meios morais a serem empregados numa autentica educação domestica”. A mãe

desperta o amor em seu filho primeiro a Deus e depois aos outros. Cultivando assim a religião e a moral no mesmo patamar.

Pestalozzi entende a relação entre religião e moral, do crescimento de valores religiosos é relacionado com a gênese de valores morais. Ambos são mutuamente, e ambos surgem da tendência do indivíduo a uma benevolência. “Cumprira-me seguir o elevado preceito de Cristo quando disse: *limpar primeiro o que esta dentro, para que o exterior possa ser limpo também*. Meu objetivo era formar nova vida em comunidade, despertar nas crianças novas forças, desenvolvendo nelas o sentimento de fraternidade e justiça como em família”. (Lopes, apud, Pestalozzi, 1981, p.61).

Pestalozzi e a Natureza

A compreensão de Pestalozzi sobre a natureza é simples: a semente plantada sendo atendidas todas as suas necessidade se desenvolve naturalmente. Os animais têm seus filhotes segundo os cuidados regulados segundo o ambiente os mesmos se desenvolvem, seguido a mesma linha de raciocínio, as crianças também atendidas as suas necessidades se desenvolvem naturalmente. Assim explica: “A sua completa ausência de escolaridade era o que menos me preocupava porque tinha confiança nos poderes naturais com que Deus dotou até as mais pobres e abandonadas criaturas. [...] Amigo, assim também a virtude. Ela se desenvolve como a planta que cresce à medida que o solo satisfaz as necessidades de seus renovos”. (Lopes apud Pestalozzi, 1981, p. 62). O cultivo dos valores mais elevados norteia toda a ação educativa em primeiro lugar, existe um imperativo dentro do homem, a libertação de seu mais profundo ‘eu’ no ser, no qual se encontra os seus poderes mais virtuosos. Refletindo sobre a natureza Hooykaas, contribui:

A Bíblia, no entanto, atribui a Deus, de forma imediata, *todos* os acontecimentos, por mais insignificantes que sejam. As coisas naturais nada mais são do que Seus instrumentos, e a ordem da natureza está fundamentada não em uma lógica imanente, mas no desvelo de Deus por Suas Criaturas. Deus não interfere em uma ordem da natureza que é semi-independente; Ele age ou de acordo com um modelo regular ou de uma maneira mais excepcional, ou mesmo de uma maneira insólita. (1988, p.31).

Tomado o referencial da natureza de que Deus dotou o homem com todas as faculdades necessárias ao seu aperfeiçoamento, rejeita toda ajuda dos métodos antigos de educação e crendo na sua intuição aplica seu método natural a instrução da criança na escola. Desta maneira escreve: “[...] bastando para o desenvolvimento das crianças a influência do ambiente natural e as atividades nelas suscitadas pelas atividades da vida diária. Esta era, entretanto, a idéia básica em que depositava toda minha esperança de sucesso. Está aqui o fundamento para outras inumeráveis noções”. (Lopes, apud Pestalozzi, 1981, p. 56). A atividade bem orientada para a vida diária educa naturalmente. Ainda pensando sobre a natureza, Rousseau afirma: “Essa educação vem-nos da natureza ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas”. (2004, p. 9).

Este modelo referencial de considerar as sensações e as relações das coisas com os movimentos vividos no cotidiano, como naturalmente entendido. Em outros termos, aprender fazendo. Como promover o deslocamento do endeusamento da natureza, o conteúdo desta tem na sua base a filosofia grega. Contribuindo para o entendimento e a demolição desta idolatria da natureza, Hooykaas nos descreve uma síntese apresentada por Bacon:

Se o homem foi feito à imagem de Deus, é razoável que se possa esperar ser ele capaz, ao menos, de fazer algumas das coisas que

Deus fez. Enquanto os gregos achavam que dominar a natureza era tentar o impossível, já que até mesmo os deuses eram obrigados a respeitar a lei da necessidade, os autores bíblicos acreditavam que Deus conferira uma parcela do seu divino poder de comando a mais sublime de Suas criaturas. Por conseguinte, a nítida linha divisória entre o natural e o artificial tornou-se imprecisa, em razão da influência dos ensinamentos bíblicos. [...] A esse respeito, é importante lembrar que Francis Bacon (1561-1626), o arauto da ciência moderna, defendeu a nova postura sobre a *techné*, mesmo antes da filosofia mecanicista. As duas colunas de Hércules, os símbolos do antigo *non ultra* (não além), significavam para ele a *superestimação* da antiga ciência e a *subestimação* da possibilidade de ultrapassá-la. No frontispício do seu *Great Instauration* (1620) está estampado o desenho de um navio passando por entre essas colunas, com a inscrição *plus ultra* (mais além). Com efeito, imitando o que acontece aos céus, os homens tinham circunavegado a Terra, e, ao invés de se referir ao “inimitável relâmpago”. Esses dois exemplos foram dados por Bacon para demonstrar que o homem é capaz de competir tanto com a natureza celestial como com a terrestre. A descoberta acentuou Bacon, são, por assim dizer, novas criações e imitações das obras de Deus. Em sua opinião, o domínio do homem sobre as coisas depende inteiramente das artes e das ciências; o homem não deveria mais partilhar com Aristóteles da desesperança de que o poder da arte possa competir com a natureza, não havia mais razão para pensar que o fogo artificial não pudesse fazer as mesmas coisas que o sol, ou que o homem só pudesse fazer miniaturas, e não compostos. (1988, p. 87-88).

O resumo apresentado acima nos permite afirmar que Bacon ao lançar dúvida, sobre a possibilidade do homem dominar a natureza, por meio da arte; e ainda refletir sobre os mecanismos que o homem é capaz de imitar as obras de Deus. Impulsionou a ciência experimental. Pestalozzi em suas concepções de observação e agir exemplificando, demonstrar por situações o mais correto para as crianças, afirma: “tais experiências nos têm mostrado que o simples hábito de boas maneiras, de bom comportamento, faz mais para educação de sentimentos morais do que a multiplicação de ensino e de leituras em que este simples fato é ignorado”. Partindo deste sentimento de prática e a visualização imediata dos atos simples, contribuindo para despertar a virtude do bem viver permite conectá-lo ao empirismo.

Pestalozzi e o Empirismo

O seu ponto de partida emana da aplicação de sensações e impressões, retiradas das situações vivenciadas por ele e seus alunos, deste modo relata: “graças à aplicação destes princípios, meus alunos tornaram-se logo mais espontâneos, mais contentes e mais susceptíveis a influências para o bem do que se poderia imaginar quando a princípio os encontrei inteiramente vazios de idéias, de bons sentimentos e de princípios morais”. (Lopes apud Pestalozzi, 1981, p. 64). Apreendem-se destes fatos que os alunos estavam sem numa impressão dos valores morais e não tinham sentimentos quanto ao bem. A comparação dos princípios acima com o pensamento de Locke, nos mostra certa sintonia observe: “Todas as nossas idéias e os princípios que deles se formam, derivam da experiência; antes da experiência o espírito é como uma folha em branco, uma tabula rasa”. (Padovani, 1984, p.322).

Pestalozzi menciona três aspectos diversos da sua educação elementar, quais sejam:

O sentimento moral da criança deve ser primeiramente despertado por meio de ativas e puras sensações; estas devem ser exercitadas de modo adequado, isto é, mediante domínio próprio para que sejam orientadas para o que é reto e justo; finalmente, deve a criança ser induzida a formar, por si mesma, por meio da reflexão e comparação, uma correta idéia dos direitos e deveres que lhe correspondem em virtude do ambiente e da sua posição. (Lopes apud Pestalozzi, 1981, p.66).

O ato educativo passa necessariamente pelos sentidos, as sensações acarretam modificações nos estados mentais, modificando a atitude em relação ao outro, as coisas e ao objeto do conhecimento.

O processo de formatação se estabelece mediante o exercício constante frente à convivência com os fenômenos, ao mesmo tempo em que nos induz a uma reflexão íntima, estabelecendo a percepção de que o nosso interior sofreu uma

revolução. Amoldar à sensação de que houve uma experiência íntima resultante da experiência externa captada pelos nossos sentidos. Neste caso verifica-se a influência de Locke na educação de Pestalozzi. Com o aperfeiçoamento de pensamento dos alunos e o exercício da inteligência constata-se uma preocupação com o homem.

Pestalozzi e o Homem

É um ser criado por Deus, todavia Deus lhe outorgou todas as faculdades para o seu desenvolvimento integral. Em primeiro lugar Pestalozzi vê logo na criança uma tendência ao egoísmo, mas através da dedicação e o zelo da mãe a criança será encaminhada ao amor de Deus Pai. Por outro lado ele diz: “No homem a dureza de coração é o germe de toda maldade.” Seu entendimento alcança que naturalmente o homem tendera para o mal, porém se houver o cuidado de sua mãe, sobretudo a sua dedicação de lhe ensinar a amar primeiro a ela, as outras pessoas e a Deus. Certamente a mãe como escolhida de Deus para desempenhar essa sublime missão de conduzir o seu filho a vida eterna com Deus. Refletindo sobre o processo de a mãe cumprir com sua missão diz:

Toda mãe foi chamada a consagrar sua atenção a essa tarefa. Nisto consiste o principal de seus deveres; tal é o que dirá em seu peito a voz da consciência. Porém a idéia de que se tem um dever vai sempre acompanhado da capacidade de cumpri-lo, tem acontecido no cumprimento do dever dedicar animo confiança e amor. Para no fim receber a coroa do sucesso com satisfação e sem temor. (Pestalozzi, 1996, p.108).

A responsabilidade da mãe em ensinar ao filho o amor, o afeto e a fazer sempre a escolha pelo bem. Na perspectiva de Pestalozzi é ir além nutrindo e alimentando o amor dentro do homem com o qual será sustentada sua esperança e fé para resistir à pobreza humana. Este estado preocupante com a vida religiosa,

impulsionada pela marcante presença de Deus no cotidiano do homem, provoca uma importante referência em sua experiência religiosa. O protestantismo de sua mãe e de seu avô pastor André Pestalozzi, somado ao importante movimento pietista que mobilizou e influenciou muitas Igrejas protestantes neste período. Sobretudo no que se refere à experiência religiosa, aqui neste contexto verifica-se o ponto de contato entre Pestalozzi sua forte tendência ao pietismo do seu tempo. Ainda sobre o contexto destaca-se a figura de Philipp Jakob Spener (1635-1705), tem-se atribuído a ele o início do pietismo por meio do lançamento de sua obra, em 1675 cujo título é: Pia desideria (anseios piedosos). Spener é descrito pelo Dr. Costa, análise bem profunda, porém destaca-se sua formação: [...] “estudou em Estrasburgo, Basileia, Genebra, Stuttgart e Tübingen. Na Suíça (1659), teve contato com a Teologia Reformada, todavia continuou na Confissão Luterana”. Os pontos principais revelados na obra de Spener são conforme Costa:

a) O Sacerdócio Universal dos Crentes – Todos os crentes devem participar dos serviços religiosos, ensinando e ajudando uns aos outros, sendo assíduos nos estudos bíblicos, etc. b) Cultivo da vida espiritual: leitura sistemática da Bíblia, oração e abstinência – Combate ao jogo, bebedeira, bailes e teatro, enfatizando a moderação nas vestes, na bebida e nos alimentos, bem como um comportamento cristão nos negócios, tendo o amor como parâmetro visível da piedade cristã. c) Rigor na disciplina da Igreja – Santidade de vida: “Um comportamento santo contribui em muito para a conversão das pessoas, conforme o ensinamento de 1Pe 3.12”. d) Teologia com ênfase na vida prática, em detrimento da especulação. e) A Bíblia tem autoridade superior às confissões; contudo, estas são relevantes devendo ser ensinadas. f) A experiência é fundamento de toda certeza; por isso, apenas um cristão regenerado pode ser um verdadeiro teólogo e possuir um conhecimento real da verdade revelada. Entretanto, Deus fala a sua Palavra mesmo através dos ímpios. (2004, 263, 266).

Ao ler as idéias de Spener verifica-se sua influência no pensamento de Pestalozzi, seus princípios devocionais são praticados por Pestalozzi no seu cotidiano. Pestalozzi integra ao conceito de educação a prática do amor, assim ele

chama atenção do aluno por meio da prática do amor, conquista a mente do seu aluno pelo sentimento sincero do seu coração.

Lopes resume esse pensamento a cerca do homem quando exprime: “primeiro no seu estado primitivo, onde predomina a vida animal. No segundo passo da evolução, estuda-o na sua vida social. Por último, chega ao estágio superior, isto é, ao nível da moral e da ética”. (1981, p.109). A caricatura descreve o homem como um animal instintivo, a titulo de exemplo podemos imaginar um homem rude, aquele que só enxerga a si mesmo, tudo é dele. Egoísta, não tem interesse em compartilhar o que é seu, a menos que seja em troca de algo para si. No segundo caso o homem já recebeu uma influência da educação, entende o seu crescimento participando da vida social. Sua experiência social fica tão evidente que o homem percebe a necessidade da elaboração de leis que regulamente e no seu direito e o seu dever, logo apreende que ser cidadão é viver sob o império da lei. Neste contexto de decidir entre humanos, Pestalozzi nos ensina que: “A casa paterna, é a escola dos costumes e do Estado”. Conceituar o lar como o micro representante do Estado, leva-nos ao encontro da escola espaço de construção coletiva da aprendizagem, onde integra o conceito de cooperação, cuja meta maior é formar o cidadão capaz de contribuir com amor para a vida em sociedade, porém livre, uma vez que o homem nasceu livre e autônomo. A ampliação de mentalidade nas pessoas da sociedade principalmente na classe pobre, no camponês aparece na demonstração reflexiva. Como eu vou ser livre? Sabendo usar o corpo para agir, sabendo amar e sabendo pensar com inteligência. Pestalozzi percebe pela sua experiência vida a necessidade de organizar a sociedade para militar e promover o direito e o dever do homem.

Participa de uma sociedade secreta chamada os “patriotas”, fomentando o povo a revolução. Esclarecer o povo quanto a maneira despótica do Estado, destina-se a dirigir o povo ao movimento iluminista.

Pestalozzi e o Iluminismo

Integrar o movimento iluminista demonstra sua capacidade de agir com seu corpo, na orientação de sentir seu coração pulsar em busca da inteligência. Capacitar o povo por meio da educação a encontrar seu próprio caminho de igualdade. Pestalozzi quer chamar atenção para o amor o fundamento de toda educação, a partir da centralidade do ser o amor equilibra o aperfeiçoamento: do coração, da cabeça e da mão. O amor a experiência interior, que impulsiona o ser a se manifestar na reflexão inteligente e consciente, habilitar o corpo a executar com amor a experiência externa. Observar sua condição humana construir o objetivo para alcançar conhecimento necessário, com fim de implementar um estado de direito com relações justas reguladas por leis, capaz de produzir liberdade e igualdade na sociedade. A moralidade é a capacidade do homem de entender que sua autonomia se realiza no respeito ao próximo. Amar o próximo como a si mesmo. O clímax do iluminismo é na realidade a valorização do ser humano como pessoa, seus direitos fundamentais: a vida, a liberdade e a justiça.

Na expressão de Pestalozzi enobrecer o homem é: retirar da criança a sua tendência animalesca, ajudado por meio da reflexão atingir a plena consciência de si mesmo. É possível entender sua atitude de investir para o mendigo sair desta condição de ignorância, escrever para esclarecer o povo contra a aristocracia, mas sua militância em apoio à revolução Francesa e posteriormente a Helvética desferindo um golpe na tirania.

Mcgrath, refletindo sobre esse tema considera: “Talvez o exemplo clássico dessa atitude possa ser encontrada no iluminismo, com sua ênfase sobre a capacidade da razão humana de compreender, por si só, o mundo a sua volta – inclusive quanto aos aspectos deste mundo que seriam tradicionalmente reservados aos teólogos”. (2005, p.124).

Educar para autonomia é considerar a escolha como uma possibilidade razoável da livre vontade do homem, neste sentido é compreender que os teólogos tiveram mais de dois mil anos para influenciar e ajudar o homem a ser capaz de construir o seu caminho. Porém não o fez e causou mais trevas no seu caminho. Agora o homem com o auxílio do amor que brota do seu coração, atingiu autoconfiança e procura sair da sombra indo pela própria vontade experimentar a luz natural da educação. Relacionando o século XVIII, com a luz Bobbio expressa: “denominado por isso o ‘século das luzes’. Esse movimento visa estimular a luta da razão contra a autoridade, isto é, a luta da ‘luz’ contra as ‘trevas’. Daí o nome iluminismo, tradução da palavra alemã *Aufklärung*, que significa aclaração, esclarecimento, iluminação. (2000, p.605). Reconhecimento de que o homem será iluminado pelo domínio da razão prática e por sua curiosidade epistemológica, a investigar dentro de si mesmo o que impede desenvolver as faculdades internas da alma, por esse processo desvenda os olhos do ser, com o qual constitui a educação com a luz para entender seu mundo externo. [...] “dir-se-ia que é acima de tudo, uma mentalidade, uma atitude cultural e espiritual, que não é somente dos filósofos, mas de grande parte da sociedade da época, de modo particular da burguesia, dos intelectuais, da sociedade mundana e até alguns reinantes”. (Bobbio, 2000,p. 605).

O conjunto da luz interior que está aguardando o toque da mentalidade latente da sociedade, com o fim de patentear a luz que dinamizará todos os setores

da vida humana, a razão prática avocará o controle integral do processo educativo. Então “o termo *philosophe*, com que o próprio iluminista se autodefine, indica a figura de um vivificador de idéias, de um educador, isto é, daquele que em tudo se deixa guiar pelas luzes da razão e que escreve para se tornar útil, dar sua contribuição para o progresso intelectual, social e moral e debelar toda forma de tirania, seja esta intelectual, moral ou religiosa”. (Bobbio, 2000,p.605-606). Mas Pestalozzi quer a percepção do coração e sua intuição guiará seus passos ao encontro do Romantismo, onde sua luz interior brilhará intensamente para irradiar a educação coetânea.

Pestalozzi e o Romantismo

Os estudiosos de um modo geral têm dificuldade de especificar a corrente de pensamento que o descreveu como movimento romântico. Por outro lado é possível afirma que ele surgiu no século XVIII na Europa e cujo campo do conhecimento de onde vem é a literatura. Bobbio faz um estudo minucioso sobre o romantismo e explica sua passagem ao explicitar:

O termo “romântico” nasceu em ambientes literários e com significados não unívocos. A. W. Schelegel, em lições em Berlim sobre historia da literatura romântica (1802-1803), incluiu sob esse titulo todas as manifestações literárias sucessivas à queda do Império Romano, desde a mitologia germânica até T. Tasso ou mais além. Se tão ampla acepção não foi, em geral, seguida, o romantismo assumiu e conservou o significado de ‘moderno’, que implicava a rejeição do convencionalismo acadêmico e superficial, de imitação preponderantemente francesa. Por ‘moderno’ não se entendia um modelo qualquer, mesmo literário (embora a redescoberta de Shakespeare, e, sob um outro aspecto, a de certos escritos de Rousseau ou dos ingleses, exercessem uma grande influência), mas principalmente a sensibilidade por conteúdos aos quais, a mentalidade anterior não prestara nenhuma atenção: o elementar, o primitivo, a força incontrolada, que possuem certamente uma potência negativa quanto ao harmônico (os românticos sentem até, mais do que os clássicos, profunda veneração pela beleza grega), mas possuem também

uma potencia positiva quanto ao artificioso, àquilo que é construído de forma intelectualista. O 'original' dos românticos não é necessariamente a inocência (antes, com o passar do tempo, o senso de pecado e do mal se tornam um elemento constitutivo da mentalidade romântica), mas é vital que traz em si, junto com a possibilidade da culpa e da degeneração, a possibilidade da redenção e do renascimento. (2000, p. 1131).

Na realidade, esse extrato histórico nos relata os campos do conhecimento com os quais o romantismo debatia enfaticamente e provocar polêmica grandiosa. Objetivamente fazendo o papel da oposição. Quanto ao campo do conhecimento que refere-se a teologia uma tentativa nostálgica de retroceder o protestantismo, ao pietismo, isto é, a utilização da sensibilidade (experiência supra racional). Ainda sobre a teologia é fundamental marcar a questão do pecado original o reconhecimento da culpa, da degradação do homem, mas por outro lado a possibilidade da vivificação ou da regeneração do homem.

No contexto de concretizar seu objetivo o romantismo quer lançar mão, no direito de envolver o protestantismo com o manto sagrado da experiência individual, uma relação íntima com Cristo. “os conventículos religiosos querem repor em sua grandeza o verdadeiro cristianismo, com seus mistérios e com a experiência da ascese individual, contra uma religião reduzida a um mero moralismo. Estas e outras inspirações análogas passam para o romantismo que, no entanto, busca também algo mais inefável: a linguagem originária, repleta de potencialidades semânticas, depois perdidas;[...] (Bobbio, 2000, p.1131).

O princípio fundante da educação de Pestalozzi é o amor. A questão é de onde vem tanta confiança? Pestalozzi é protestante fervoroso daí vem sua segurança, entende-se que o *Catecismo de Heidelberg* nos dará uma pista, a:

6ª PERGUNTA: Criou, pois, Deus o homem tão mal e perverso?
RESPUESTA: Não, muito pelo contrário, Deus criou o homem bom fazendo-o a sua imagem e a sua semelhança, é dizer, em verdadeira justiça e santidade, para que retamente conhecesse a Deus seu

verdadeiro Criador, para amá-lo de todo coração, e bem aventurado vivesse com Ele eternamente, para adorá-lo e glorificá-lo.

TEXTOS BÍBLICOS: **a.** E viu Deus tudo que havia feito, e disse eis que era tudo muito bom. E foi a tarde e a manhã do sexto dia. (**Gn 1:31**); **b.** Então disse Deus: Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e governara os peixes do mar, as aves do céu, as bestas, em toda terra, e todo animal que rastege sobre a terra. E criou Deus o homem a sua imagem, a imagen de Deus o criou macho e fêmea os criou. (**Gn 1:26-27**); **c.** -E os revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade;(**Ef 4:24**); **d.** -E revestistes do novo homem, que se refaz, para o pleno conhecimento, é conforme a imagem daquele que o criou; (**2ª Co 3:18**); **e** -E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a gloria do Senhor, somos transformados, de gloria em gloria, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito. (**Cl 3:10**). **7ª PERGUNTA:** De onde procede esta corrupção da natureza humana? **RESPUESTA:** Da queda e desobediência de nossos primeiros pais Adão e Eva no paraíso; pela, nossa natureza tem passado de tal maneira a corrupção, que todos somos concebidos e nascemos em pecado. **TEXTOS BÍBLICOS:** **a.** – Disse o Senhor Deus a mulher; que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou e eu comi. (**Gn 3.13**); **b.** – Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. (**Rm 5: 12, 18,19**).

O pensamento romântico considera a natureza criação de Deus e Pestalozzi é um romântico e reconhece os poderes que Deus dotou o homem com todas as potencialidades para desenvolver naturalmente. Na verdade, o romântico sabe da tendência humana para o mal. Em certa medida, tem conhecimento do amor de Deus revelado em sua Palavra e tem consciência do poder de Deus pelo diligente ensino da revelação de Deus para regenerar o pecador. “Um contexto social, onde o indivíduo se sinta satisfeito, exige um vínculo de amor que é, ao mesmo tempo, sentimento de dependência: a articulação entre os grupos torna naturais e claros os deveres que se exigem de cada um: a família, a classe, o município, a Igreja, [...] (Bobbio,2000, p.1133).

A teia social onde o indivíduo alagar; Seu ambiente é compartilhado por distintos seres da mesma natureza, a experiência comunica o afeto com outras pessoas e coisas. Bobbio expressa: “o Estado são outros tantos contextos, intercomunicantes e relativos, entre os quais o que existe não é tanto o equilíbrio mas a harmonia”. A autoridade estatal é representada coletiva e individualmente pela legalidade do direito, a ação do Estado é comunicada através do sentimento de dever definindo naturalmente a relação de amor estendendo a toda rede: com o indivíduo, unidade familiar, na escola, na Igreja. Existe a possibilidade do diálogo entre os diversos agentes que atuam na vida da sociedade. “Pode bem ser que surjam conflitos; mais, pela presença do “mal” – dirão certos românticos –, pela “contradição” que brota da raiz autônoma de cada um desses núcleos – dirão outros – tem de haver conflitos; eles fazem parte de um ritmo eterno, desconhecidos em seus particulares, que rege a vida do gênero humano”. (Bobbio, 2000, p. 1133). A oposição é uma atitude do romantismo e esta tem sido sua maior contribuição em todos os setores do conhecimento. Sentimento pró-ativo visando o amadurecimento, questionar a ordem estabelecida, perguntar sobre a desigualdade humana, provocar o debate sobre a autoridade do Estado, porque a razão explica as leis da natureza; O que a ciência tem feito para minorar o sofrimento humano? Pestalozzi como um reformador educacional, pretende uma escola edificada no amor. Tendo sido formado em uma escola tradicional, cujo roteiro tinha leitura, recitação, memorização de texto, castigo corporal, ambiente desfavorável a aprendizagem. A criança não desenvolve sua mente em um contexto artificial e desconhecido. O professor elabora tarefas de memorização de textos, salmos e catecismo, que serão realizadas por crianças das series iniciais. Essas crianças irão apresentar cansaço e fica inquieto, como o professor ira agir no sentido de

conquistar sua atenção. Na época de Pestalozzi, segundo ele os professores eram despreparados. Diariamente recorriam ao castigo corporal. Para Pestalozzi retirar a liberdade da criança na escola é demolir seu direito a curiosidade epistemológica. Em certa medida faz sentido Pestalozzi criticar as escolas tradicionais, ressaltando: - os tradicionais inventaram uma lógica artificial baseada no racionalismo, os tradicionais são ignorantes no que se refere a assuntos práticos e sobre a natureza, não tem o habito de contar as historias da Bíblia para as crianças, não se preocupam em manter um diálogo com as crianças sobre assuntos do interesses delas, normalmente quando estão sóbrios tratam as crianças como adultos.

Pestalozzi descreve seu método como educação natural, este é composto de duas partes uma geral e a outra especial. A parte geral requer que o professor tenha preparação necessária para cria um clima emocional que produza a sensação de amor e segurança. Para lembrar que está no ambiente natural é bom trazer a mente a sensação de como os animais se sentem na sua casa. Naturalmente qual é o seu comportamento? Despertar essas sensações pode compartilhar espontaneamente as impressões e agir dentro das inclinações naturais.

No sentido geral: É natural trazer a baila o princípio fundante da escola, a escola é do coração, isto é, a escola tem um ambiente de amor, um espaço onde se comunica amor, na escola a prioridade é amar. A escola é ambiente propicio para ensinar o amor de Deus pelo princípio natural da criação. Segundo o entendimento de Pestalozzi o amor é a potência que está na natureza humana, essa possibilita o aperfeiçoamento da personalidade humana. Amar estimula e regula o desenvolvimento de todas as virtudes humanas, que são: poder de amar resultante da moral, o poder intelectual de pensar e o poder físico para agir. Embasado neste princípio norteador Pestalozzi diz a que escola é a continuação da relação amorosa

da família; em uma escala bem maior já que no concreto da criança, a escola é um mundo onde existe maior número de pessoas e objetos.

Qual é a lógica deste pensamento? Para exemplificar melhor é bom construir um cenário retratando: uma guerra civil, aonde o número de mortos e feridos chega à casa de centenas, talvez de milhares, gravadas pelo número de órfãos e viúvas, destes a sua grande maioria vivendo muito a baixo da linha da pobreza, sem moradia, saneamento básico inexistente, não havia noção de higiene pessoal, considere ainda a fome, saúde debilitada.

Total da soma é igual à insegurança, incerteza de vida, abandono, falta de pertencimento, sem perspectiva. Teria uma lista variada de sentimentos para exprimir. Pestalozzi quer oferecer a sensação de amor e segurança para as crianças. O lar é sua escola, esse princípio diz: você pertence a sua família, você pertence à natureza, você está no ambiente seguro. A escola proporciona amparo. Então a lógica deste princípio é atender seu interesse pessoal, atender o seu clamor de atenção. O impacto causado no educando somada a sua sensação de segurança é a chave para abrir a porta do conhecimento. Portanto, o princípio do amor tem esse valor moralizador da natureza humana. No entendimento do *sentido geral* da educação natural.

O outro lado da educação natural corresponde ao *sentido especial*, o ensino propriamente dito, mas não começa com habilidades escolares convencionais de ler e de escrever. Pestalozzi garante que toda educação para criança começa com medida (reconhecendo os objetos pela sua forma, as crianças devem começar pelo que lhe é familiar), contando (os objetos de maneira a enumerá-los), falando (de objetos procurando defini-los). O método educacional de Pestalozzi estava baseado em dois princípios fundamentais: sinta as impressões do todo, conhecimento do

todo; toda instrução é reduzida corretamente aos elementos de forma, de número e de idioma.

O método de educação natural estava baseado nos princípios de entender o todo. Tendo domínio destes elementos básicos, professor passará ao ensino de leitura e de escrita, aritmética, geografia, música, desenho, e estudos da natureza.

Pestalozzi tem uma percepção realista, considera a experiência o meio mais seguro de saber, utiliza o sensorial para lidar com a realidade. Fenômenos naturais se manifestam e eliminam os objetos e pela força da natureza coisas se arruínam provocando o caos. O homem ao formar conceitos claros conservar-se sóbrio frente a realidade, ser educado deve ter uma percepção de si mesmo, dos outros ao seu redor e também do trânsito no seu ambiente. Pestalozzi também tinha o interesse em cultivar todos os três poderes de forma simultaneamente no homem, em lugar de enfatizar só o lado intelectual, negligenciando o aspecto físico e a moral, como tem sido feito nas escolas tradicionais, apesar de terem todos os materiais para educar a percepção e desenvolver todas as faculdades da criança. Recorreu a um método fragmentado de memorização, o qual não tem uma visão do todo e conseqüentemente prova uma miopia ao desenvolver-se faz deste seu modo próprio de ver.

Arte de educar descansa essencialmente na relação harmônica entre as impressões recebidas pela criança e o grau exato em que tem desenvolvido os poderes intrínsecos do educando. Ao escrever sobre educação, Pestalozzi manifesta preocupação com a maturidade da criança, é necessário verificar, em cada classe a idade da criança. Para que não se conduza a criança ao erro. Expondo a criança em situações para as quais não foi suficientemente preparada. Cotrim nos ajuda a

compreender esses princípios ao expressar o resumo feito pelo discípulo de Pestalozzi, Morf, escreve:

- 1º. A observação ou percepção sensorial (intuição) é à base da instrução;
- 2º. A linguagem deve estar sempre ligada à observação (intuição), isto é, ao objeto ou conteúdo;
- 3º. A época de aprender não é época de julgamento e crítica;
- 4º. Em qualquer ramo, o ensino deve começar pelos elementos mais simples e proceder, gradualmente, de acordo com o desenvolvimento da criança, isto é, em ordem psicológica;
- 5º. Tempo suficiente deve ser consagrado a cada ponto do ensino, a fim de assegurar o domínio completo dele pelo aluno;
- 6º. O ensino deve ter por alvo o desenvolvimento e não a exposição dogmática;
- 7º. O mestre deve respeitar a individualidade do aluno;
- 8º. O fim principal do ensino elementar não é ministrar conhecimento e talento do aluno, mas sim desenvolver e aumentar os poderes de sua inteligência;
- 9º. O saber deve corresponder ao poder e a aprendizagem à conquista de técnicas;
- 10º. As relações entre o professor e o aluno, especialmente em disciplina, devem ser baseadas e reguladas pelo amor;
- 11º. A instrução deve estar subordinada ao fim mais elevado da educação. (Cotrim, 1982, p.230).

Pestalozzi convencido que todo processo de ensino-aprendizagem emana da cognição humana recorre a língua alemã e usa a palavra *Anschauung* cujo conteúdo é extremamente abrangente. Este termo por vezes aparece por *percepção*, em outro lugar surge como *intuição*, já em outro contexto descreve a *experiência*. Para melhor verificar sua aplicação Gutek nos esclarece:

Ele recorreu como um processo deste, termo este derivado do Alemão que significa: convicção. Ponto de vista, opinião. Impressão; idéia, noção, conceito; experiência; relacionado à visão de, contemplação, intuição. E ele definiu diversas maneiras, como: intuição, conceitualização, sensação, observação, contemplação, percepção, e de appercepção: o qual se relaciona a autônoma de consciência, isto é: consciente de Percepção, plena de consciência de compreensão. O processo de entender pelo qual recentemente observou qualidades de um objeto relacionado à experiência passada. Por *Anschauung* uma mente recebe dados sensoriais de objetos, isola uma forma que está por baixo de suas sensações difusas, e constrói conceitos precisos. O método educacional de Pestalozzi, então, lições de objeto e dados ênfase a sua derivação de conceitos pelo processo de sensação. Uma criança exposta a vários objetos essenciais e de características que sejam as mesmas reconhece de um deles a forma, conta-os, e os nomeia. (1975, p. 244).

O conceito de intuição que procuramos formatar nesta pesquisa foi forjado por Pestalozzi em seus textos e no seu contexto de vida intuitiva. Padovani resumido pensamento de Kant sobre a intuição disse: “A atividade que preside a síntese matemática é a intuição; seria esta a apreensão imediata de sensações ordenadas no tempo e no espaço”. (1984, p.362). Neste sentido a síntese torna-se concreta uma vez que foi aprisionado pelo intelecto e por sua vez o materializa na resolução do problema. Padovani resume a definição de Kant sobre as sensações das formas, afirma: “Os princípios, as formas, têm, porém, um valor puramente *fenomênico* (como matéria, assim as sensações são subjetivas, secundárias: a saber, não valem por objetos em si (*noumenons*), mas por coisas objetivas pelo sujeito humano”; [...] os princípios tornam-se fatos quando aplicados objetivamente, as formas demarcadas no fenômeno concreto são visíveis e se apresentam objetivamente. Assim quem determina ambas mediante nomeação, Padovani contribui: “por conseqüência, o sujeito humano não espelha as coisas, mas as constitui”.(1984, p.362) O aperfeiçoamento proposto pelo programa abrange a partir da percepção do todo e as sensações das idéias de forma, numero, idioma e exercício para o corpo. Construir conceitos precisos. Assim, terá consciência da realidade, participando com plenitude de amor, tomado as decisões com autonomia. “Tal consciência constrói a experiência e a ciência, organizando a multiplicidade das sensações segundo uma hierarquia de formas, em que a mesma consciência se especifica”. (Padovani, 1984,p.363). Pestalozzi segue o pensamento de Kant quando afirma que o educando toca nos objetos e os nomeia ou melhor lhes atribui o conceito. Conforme a realidade.

Pestalozzi apresenta seu programa de educação com o objeto de focar o cidadão, desde sua heteronímia no seu convívio com a família, passando pelo sistema de educação que fatalmente o levará ao pleno exercício da autonomia. Na realidade, Pestalozzi persegue o ideal de possibilitar ao cidadão uma formação para vida, daí pensar “a vida educa”, sua intuição em Neuhof transformar sua fazenda em um centro educativo para os pobres da região. O aluno recebera formação nos aspectos afetivo, intelectual, corporal, artístico, profissional, moral e religioso. Uma educação Integral. Portanto o professor deve ser um pai amoroso.

Verifica-se reduzindo a definição do seu método do todo para as partes. Seguindo seu princípio do mais simples e depois o mais complexo; daquilo que está mais perto, só depois ir para mais longe.

Portanto decompondo o programa educacional de Pestalozzi compreende-se que o aporte de sua percepção é suportado pelo conjunto de valores humanitários de sua formação, sobretudo a ausência destes valores na sociedade.

Quais são tais valores? Podemos descrevê-los capacidades (poderes) como segue:

a) Poder – do latim vulgar *pōtēre*, que substituiu o latim clássico *posse*, “poder ser capaz de; ter influencia, ter eficácia. As virtudes que Deus deu aos homens. Toda pessoa tem o interesse de ser poderosa; As pessoas possuem uma curiosidade inata e pretendem progredir nos seus conhecimentos; Quer sabedoria, ter condições de decidir pela sua vontade livre, saber convencer; b) riqueza – que possui muitos bens ou coisas de valor, fértil, abundante; as pessoas procuram dominar as técnicas, saber, planejar, encontrar a crista da onda e desejam permanecer no topo. c) Bem-estar (ou saúde) – desejam saúde, dão valor a saúde e ao prazer sensual da felicidade, todos os homens desejam experimentar a felicidade; d) Habilidade – As pessoas apreciam a sensação de destreza, agilidade para realizar uma tarefa difícil

bem feita, sensibilidade e possuem o instinto de criação; Sagacidade perceber com rapidez, as pessoas desejam ser hábeis; e) Afeição – as pessoas desejam ser amadas, amar a Deus, reconhecidas, estimadas quando de uma cooperação, receber ajuda. Amar o próximo. Cria uma rede de amabilidades indivíduos, famílias, escola, Igreja, empresa, cidade, estado e nação; f) Retidão – moralidade, dominar os meus pensamentos para o que é reto, as pessoas desejam sentir-se retas na sua própria consciência, geralmente precisam ter paz em relação a sua religião ou sistema filosófico, ou ainda a pessoa deve ter consciência limpa na relação com o sistema do bem e do mal que foi estabelecido pela sua sociedade e que faz parte de sua própria personalidade; g) deferência – respeito pelo ser humano, desejam enquanto emissor que os outros respeitem as suas comunicações e mensagens mereçam atenção respeitosa; desejam o respeito externo da parte dos vizinhos no sentido de tratamento com deferência.

Certamente Pestalozzi tem muito mais para contribuir com o nosso momento existencial, mas com o seu desprendimento e amor ao seu programa educacional, nos trará pistas primorosas ao desenvolvimento das escolas e seus sistemas de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa sobre Pestalozzi, constatamos que seu lema de vida era: *para os outros tudo, nada para si mesmo*. Lopes relata o que está escrito na lápide do seu túmulo, em Birr :

Aqui jaz – **Henrique Pestalozzi**, nascido em Zurique a 12 de janeiro de 1746, falecido em Brugg a 17 de fevereiro de 1827. Salvador dos pobres em Neuuhof; Pregador do povo em Leonard e Gertrude; Pai dos órfãos, em Stanz; Criador da nova Escola Elementar, em Burgdorf e Munchenbuchsee; em Yverdon, educador da Humanidade. Homem Cristão, cidadão. Para os outros tudo, nada para si mesmo. Abençoada seja a sua memória. (1981, p. 99-100)

O contexto de seu nascimento, desenvolvimento e amadurecimento espiritual e intelectual se deram em meio a uma era de revoluções. A morte de Pestalozzi também se dá em um difícil momento de sua vida, marcado por angústias e desentendimentos com seus companheiros de luta. Assim, a expressão “para os outros tudo, nada para si mesmo” sintetiza a vida do educador e sua filosofia.

Seu legado e especialmente sua vida marcada pelo desprendimento integral baseavam-se na resiliência e na confiança na providência de Deus. Seus períodos de turbulência resultavam numa intensa reflexão que levavam o educador a um começo, que garante a sua renovação em cada momento da vida. Sua resiliência está expressa em “O deus da minha mente é um ídolo, eu me envileço em sua adoração; o Deus de meu coração é o meu Deus; eu me enobreço no seu amor”. (Lopes apud Pestalozzi, (1981,p.87), numa vida que enfrentava dificuldades como falta de comida, a perda de bens, fazenda e casa. Tudo desfavorecia sua caminhada na luta pelo desenvolvimento da humanidade. Sua força pode ser entendida aqui: “Fracassou o meu plano. Eu, porém, havia aprendido grandes verdades no esforço da empresa que faliu. Mas, mesmo assim, quando fracassava, tornava-se maior a minha convicção na sua exeqüibilidade”, “nunca erraste, nunca aprenderia bem” (Cotrim apud Rousseau, 1982, p. 225).

Era infatigável em sua jornada: “Meu coração também, sempre constate, dirigia-se unicamente ao mesmo objetivo. E então na miséria mesma em que vivia, cheguei a conhecer a miséria do povo e suas causas, tão profundamente como um outro homem de recursos teria chegado a conhecer” (Lopes 1981,84).

Em seu trabalho humanitário e educativo, Pestalozzi expressa sua experiência junto à pobreza da sociedade: “Anos inteiros vivi junto com meninos pobres. Mais de cinqüenta. Vivi como mendigo para ensinar aos mendigos a viverem como homens”. Pestalozzi em sua resiliência, o pedagogo da humanidade encontra amor e intuição para doar àqueles que não têm pertencimento, deferência e saúde. No Brasil, o debate educativo se direciona no sentido de atender as necessidades do povo quanto à instrução, considere-se o artigo da “lei” de 15 de novembro de 1827, que em seu artigo 1º “regula” que em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos deveria haver escolas de primeiras letras, quantas fossem necessárias (Filho 2003, 137), significando para o Brasil um salto para o futuro.

Pestalozzi possuía a Palavra de Deus, disposição, amor ao próximo e seu método de ensino. Observando ainda a falta de instrução do povo, Filho nos relata o destaque do jornal de 1825 *O universal*: “(...) é preciso que o povo seja livre para que possa escolher e é preciso que seja instruído para que faça a escolha certa”. (2003:137). A imprensa aqui demonstrava o germe de urgência da educação na sociedade, com ênfase na construção do saber permanente. O Brasil chegou a discutir sobre a possibilidade de adotar o método de Pestalozzi, como afirma Filho: “Incide fundamentalmente sobre a forma de organização de classe, ela sofrerá uma importante e definitiva inflexão a partir de 1870. Nesse momento, sobretudo a partir da divulgação e apropriação, entre nós, das idéias e a experiências inspiradas na

produção do educador Suíço Jean-Henri Pestalozzi, muda o curso da discussão sobre os métodos, [...]” (2003,143).

Constata-se a mudança de rumos na educação com a inserção no Brasil do método de Pestalozzi. A discussão no campo da educação no Brasil se debruça sobre a falta de orçamento para esta área no país, como é possível constatar na imprensa de 1825: “O problema, pois, que há de resolver é: como se poderá generalizar uma boa educação elementar, sem grandes despesas do governo, e sem que tire as classes trabalhadoras o tempo que é necessário que empreguem nos diferentes ramos de suas respectivas ocupações?” (Filho 2003,148). A preocupação com a viabilidade orçamentária para a educação traz no bojo da discussão a preocupação dos setores empregatícios com o tempo de trabalho que seria reduzido para dar lugar aos estudos. No período de reforma, Rui Barbosa propõe:

A criação de um imposto de 1% sobre os aluguéis das casas de valor locatício superior a cem mil-réis por ano. O objetivo era duplo: por um lado, impedir que continuassem a proliferar os recibos falsos. Como uma das condições para votar era a prova do pagamento, os proprietários davam recibos falsos a inquilinos hipotéticos, conseguindo desta forma aumentar as fileiras de seu patrimônio. Criando o imposto, tais recibos deixariam de ser fornecidos, pois os proprietários acabariam pagando demais, tornando-se assim a fraude indesejável. Mas havia outro objetivo, a um prazo mais longo, na proposta de Rui a Saraiva: com o dinheiro arrecadado desta forma, podia-se criar um amplo sistema de educação popular. Combatendo o analfabetismo, conseguia-se trazer para as fileiras eleitorais um bom número de cidadãos. No projeto de Saraiva os analfabetos continuavam impedidos de votar, como já determinava a constituição de 1823. (D’Amaral 2003,98).

Este projeto de lei propunha a instalação de um sistema educacional para o povo que corrigiria os abusos gerados pelas fraudes dos recibos de aluguéis ao mesmo tempo em que aumentaria as possibilidades de investimento no programa de educação a médio e longo prazo no Brasil. Rui Barbosa, em sua preocupação com a educação, faz a tradução completa da obra de Pestalozzi *Lições sobre as coisas*, de

onde se retira: “Não se limita a ler e estudar. Escreve. Completa a tradução das *Lições de Coisas*, de Calkins. E finalmente consegui publicar o trabalho”. D’Amaral (2003, 120). Zanatta corrobora com a mesma idéia quanto a implantação e desdobramentos de inserção de Pestalozzi no Brasil, relatando inclusive a publicação do livro e seu uso na formação de professores:

O método de Pestalozzi difundiu-se com maior ou menor expressividade por toda a Europa. Particularmente na geografia alemã importa destacara grande influência de Pestalozzi nas propostas de ensino do geógrafo Carl Ritter, que sob inspiração pestalozziana, procurava evitar o acúmulo de informações desnecessárias que ninguém poderia assimilar (Capel,1988) 5. Nos Estados Unidos, as práticas do método intuitivo foram introduzidas em 1806, mas somente após 1860 receberam larga aceitação e utilização, como comprova a obra *Primary object lessons for a graduated course of development* de Calkins, originalmente publicada em 1861. No Brasil, as idéias de Pestalozzi foram introduzidas pela tradução do manual de Calkins acima referido. A tradução e adaptação às condições brasileiras foram feitas por Rui Barbosa, em 1880. Este manual, intitulado *Primeiras lições de coisas* foi aprovado pelo governo imperial como livro texto na formação de professores e publicado em 1886. (Zanatta 2005, 165-184)

Quanto à inserção de Pestalozzi no Brasil, Filho destaca o fato da importância e a influência de seu método no sistema educacional brasileiro. Mas, sobretudo sua influência sobre a mentalidade dos educadores: “Essa inflexão no rumo dos debates se articulará em torno do chamado *método intuitivo* e lançará luzes sobre a importância da escola observar os ritmos de aprendizagem dos alunos” (2003,143). A luz da experiência de Pestalozzi no pensamento da educação na Europa se irradia sobre o conjunto do ideário dos pensadores brasileiros. Filho explica: “[...] crescente refinamento teórico, sobretudo com uma maior aproximação entre os campos da psicologia e da pedagogia e a forma de se trabalhar com o método intuitivo na escola primária perdurará, no Brasil, até a década de 30 do século XX” (2003,143). O amálgama do pensamento de Pestalozzi é absorvido em teoria e prática no Brasil, de tal modo que houve desdobramentos positivos na sua implementação. Filho refletindo sobre isso diz: “De uma forma definitiva para a

educação escolar, estão postas como condições de possibilidades de êxito da ação escolar a consideração da atividade do aluno, como sujeito no processo de aprendizagem e do lugar do professor e dos métodos, como sujeitos e instrumentos, respectivamente, mediadores desse processo” (2003,144).

Destarte a atividade de ensino, o método de Pestalozzi pressupõe colocar à disposição dos sujeitos o caminho da livre construção da escolha ética, que possibilitaria a permanência e o desenvolvimento do bem comum na sociedade, como uma luz que se irradiaria a partir de cada sujeito sobre toda a sociedade. Kant pondera sobre a idéia de iluminação da educação: “Por isso a educação é o problema maior e mais difícil que se pode colocar para o homem. Com efeito, as luzes dependem da educação e a educação depende das luzes”. Savater (2000, 237).

Certamente entender o processo educativo é custoso e árduo. Envolve pensar a vida de seres emocionais e pensantes, que convivem num ambiente hostil gerado pela sua própria presença e a dos demais indivíduos, e que encaram assim a dificuldade de manter laços afetuosos e de produzir vínculos com o presente ao mesmo tempo em que devem projetar no futuro a vida de gerações, de sujeitos que darão continuidade à existência em sociedade. Kant reflete: “Eis o princípio da arte da educação que particularmente os homens que fazem planos de ensino deveriam ter sempre diante dos olhos: não se deve educar as crianças apenas segundo o estado presente da espécie humana, mas segundo o seu futuro estado possível e melhor, ou seja, de acordo com a idéia da humanidade e com seu destino total” (Savater 2000, 237).

Pestalozzi possui em sua proposta um caminho iluminador, pois entende que existe a necessidade da família promover a educação da criança, porém destaca a

escola como um lar cujo programa visa atender o educando nos seus poderes: *coração, cabeça e mão*. Estes proporcionarão a preservação das experiências e das ciências da humanidade de maneira melhor e universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, J. J. de A. (1977). **História moderna e contemporânea**. 8ª São Paulo: Ed. Ática.
- BOAVIDA, João (1991). **Filosofia – do Ser e do Ensinar**. 1ª ed. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra – Pt.
- BOBBIO, Norberto. (2000). **Dicionário de Política Vol. I e II**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- CAMBI, Franco (1999). **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da Unesp (FEU) – (Eyclopadéia).
- CAVERO, David Ortega (1987). **Dicionário Português–Espanol/Espanol – Português** (Nova Edição) Barcelona: Editorial Ramón Sopena, S. A. Espana.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira (2004). **Raízes da Teologia contemporânea**. 1ª ed. São Paulo: Cultura Cristã.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira (2002). **Eu Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo**. 1ª ed. São Bernardo do Campo. Edições Parakletos.
- COTRIM, G. e PARISI, M. (1982). **Fundamentos da Educação**. São Paulo: Saraiva.
- D'AMARAL, M. T. (2003). **Rui Barbosa**. São Paulo: Ed. Três.
- EBY, Frederick (1976). **História da educação moderna: teoria, organização e práticas educacionais**. Tradução de Maria Ângela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia, Malvina Cohen Zaide. 2ª ed. Porto Alegre, Globo; Brasília, INL.
- EAVEY, C. B. (1964). **History of Christian Education**. Chicago: The Moody Bible Institute.
- GODECHOT, Jacques (1984). **Europa e America no tempo de Napoleão (1800-1815)** Tradução de Miriam Lifchitz Moreira Leite. 1ª ed. São Paulo: Pioneira : Ed. Da Universidade de São Paulo.
- HESSEN, J. (2000). **Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes.
- HOBSBAWM, E. J. (2002). **A Era das Revoluções**. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- HOBSBAWM, E. J. (2001). **A Era das Revoluções**. 5ª ed. Portugal: Editora Presença.
- HOOYKAAS, R (1988). **A Religião e o desenvolvimento da ciência moderna**. Tradução de Fernando Didimo Vieira. 1ª ed. Brasília: Editora universidade de Brasília.

- INCONTRI, Dora (1997). **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione – (Pensamento e ação no magistério).
- LIBÂNEO, J. Carlos (2002). **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** São Paulo: Cortez.
- LINTON, R. (1962). **O Homen: uma introdução à Antropologia**. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- LOPES, E. FILHO, L. VEIGA, C. (orgs) (2003). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica.
- LOPES, L. (1981). **Pestalozzi e a Educação Contemporânea**. Duque de Caxias: Associação Fluminense de Educação.
- LUTERO, Martinho (1995). **LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas**. Editora Sinodal/Concórdia Editora: São Leopoldo/Porto Alegre, 1995, Vol 5.
- MACGRATH, Alister E (2005). **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma Introdução a teologia cristã**; [tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes]. São Paulo: Shedd publicações.
- MACHADO, J. P. (2003). **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte.
- MICHELET, J. (1990). **História da Revolução Francesa**. Portugal: Publicações Europa-América.
- NICHOLS, Robert Hastngs (1985). **História da Igreja Cristã**. Título Original: “THE GROWTH OF THE CHRISTIAN CHURCH”. Adapatação de J. Mauricio Wanderley. 6ª ed. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana.
- PADOVANI, Umberto (1984). **História da Filosofia**. São Paulo: Melhoramentos.
- PALMER, B. M. (1981). **The Family, in its Civil and Churchly Aspects**. Harrisonburg: Sprinkle Publication.
- PALMER, Joy A (2005). **50 grandes educadores de Confúcio a Dewey**. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo:Contexto.
- PESTALOZZI, Johann Heinrich (1996). **Cartas sobre educacón Infantil**. Estúdio preliminar y traducción José Maria Quintana Cabanas. 2ª ed. Madrid: Editorial Tecnos, S. A.
- SAVATER, Fernando. (2000). **O Valor de Educar**. São Paulo: Martins Fontes.
- SKINNER, Q. (1996). **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras
- TOWNS, E. L. (1975). **A History of Religious Educators**. EUA: Baker Book House.

CRONOLOGIA

Vida de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827)

1746 - 12 de janeiro nasce Johann Heirinch Pestalozziem Zurique. Seu pai Johann Baptist Pestalozzi, descendia de italianos emigrados para Suíça no século XVI. Sua mãe, Susanne Hotz, vinha de uma família de médicos.

1751 - Morte do Pai. Pestalozzi e os irmãos pela mãe e pela governanta Magd Bárbara Schmid, em meio a muitas dificuldades econômicas.

1751-1763 anos de escola.

1763-1765 Estudo de Lingüística e Filosofia no Collegium Carolinum, em Zurique.

1764 - Membro da Sociedade Helvética, junta-se aos patriotas, que criticam a situação política do país e propõem reformas.

1769 - Casamento com Anna Schulthess.

1770 - Nascimento de seu único filho, Hans Jakob.

1771 - Instalação da Fazenda Neuhof, na região de Birrfeld.

1774 - Início em Neuhof do Instituto para pobres, uma proposta que unia educação e trabalho.

1780 - Falência do Instituto de Neuhof, publicação de "Crepúsculos de um eremita".

1781 Publicação de Leonardo e Gertrudes (1ª parte)

1783 - Publicação de Leonardo e Gertrudes (2ª parte) e de Legislação e infanticídio, considerada a primeira obra de sociologia juvenil publicada no mundo.

1785 - Publicação de Leonardo e Gertrudes (3ª parte)

1787 - Publicação de Leonardo e Gertrudes (4ª parte)

1792 - Recebe o título de cidadão honorário da França, dado pelo governo revolucionário.

1797 - Publicação de Minhas Indagações sobre a Marcha da Natureza no Desenvolvimento da Espécie Humana.

1798 - Revolução suíça. Torna-se redator de um jornal Folha Popular Helvética.

1798 -1799 - De dezembro a 8 de junho: Instituto de Stans.

1799 -1804 - Escola e Seminário de professores no Castelo de Burgdorf

1801 - Publicação de como Gertrudes ensina seus filhos.

1802-1803 - Novembro a fevereiro: viagem a Paris.

1804 - Fechamento do Instituto em Bugdorf e reabertura em Iverdon.

1806 - Fundação de um Instituto para meninas em Iverdon.

1809 - Publicação de Discurso de Lenzburg. Florescimento do Instituto de Iverdon, com mais de 150 alunos.

1810 - Primeiro desentendimento entre o professorado de Iverdon, Joseph Schmid abandona Pestalozzi com uma parte dos professores.

1815 - Publicação de A inocência, morte de Anna Pestalozzi

1816 - Nova disputa entre professores. Volta de Schmid.

1817 - Início do desenvolvimento com Johannes Niederer. Até 1821 faz várias tentativas para se reconciliar com Niederer.

1818 - Fundação do Instituto para pobres em Clindy, próximo de Iverdon.

1819 - O Instituto de Clindy é integrado com o de Iverdon. A obra perde a confiança do público por causa da polêmica com Niederer.

1824 - Processo de Niederer contra Pestalozzi é decidida facilmente em favor de Pestalozzi, mas Joseph Schmid é expulso do cantão

1825 - Por causa da expulsão de Schmid, renuncia ao Instituto e volta para Neuhof.

1826 - Publicação de Canto do Cisne.

1827 - Adoece e morre em 17 de fevereiro, em Brugg.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)